

Janeiro  
Fevereiro  
Março  
2016

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***

# PROGRAMAÇÃO JAN-MAR 2016

# Janeiro Fevereiro Março 2016

Estes textos de introdução passam a ser assinados. Já não são a apresentação genérica da nossa atividade. Transmitem o que penso sobre as razões que fundamentam os objetivos programáticos da Culturgest, tais como os interpreto e são postos em prática pela equipa que coordeno, em sintonia com o Conselho de Administração e com a CGD.

Lembro-me de se dizer, muito antes de vir para cá trabalhar, que a Culturgest tinha uma programação elitista. Julgo que, com alguma frequência, se diz o mesmo, ou parecido, ainda hoje.

Todos os estudos sociológicos que conheço sobre a prática cultural das populações, feitos no nosso país e em muitos outros, chegam a uma conclusão comum: a esmagadora maioria dos que, com alguma regularidade, vão a museus, concertos, espetáculos de teatro ou de dança, que compram livros, etc. (o que se costuma chamar por “ter práticas culturais”) gozam de um mínimo de bem-estar económico e de uma educação formal coincidente com o ensino superior ou com os anos finais do ensino secundário. Para dar um exemplo impressionante: 85% das pessoas que frequentam Serralves têm pelo menos uma licenciatura (o número é público, consta de um estudo publicado no site da Fundação).

As pessoas com práticas culturais pertencem, mesmo em países mais ricos do que o nosso, a uma fração minoritária da população. A uma elite. Poucos, com mais educação escolar e mais rendimento.

Outros estudos revelam que o aumento do número absoluto de visitantes de museus,

espectadores, etc., não resulta de se alargar a prática a pessoas com menos habilitações académicas e, ou, com menos rendimentos. São os mesmos que vinham antes, só que passaram a ir mais vezes.

Quanto a Portugal, admito que, se se pudesse comparar o que se passa agora com o que se passava há 40 anos, se chegasse à conclusão que se teria expandido o número de pessoas com uma certa prática cultural. Porque a classe média cresceu e porque há mais bibliotecas, teatros, centros culturais, museus. Mas as características de educação e de rendimento das pessoas que frequentam os lugares onde as artes se podem ver são as mesmas.

Se tenho razão, a chamada democratização da cultura, ou seja, a tomada de medidas tendo como objetivo uma alteração qualitativa da composição do público, é quase sempre uma afirmação demagógica. Os pobres, os que têm poucos estudos, salvo exceções raríssimas, não vão querer ir a um concerto de música clássica ou ler um romance de Eça de Queirós. Preferem outras formas de usar o seu tempo livre, quando o podem fazer.

Para se conseguir que os que têm menos riqueza e menos educação, ou os seus filhos, leiam romances ou vão a uma exposição, o que se tem que fazer é aumentar o seu bem-estar e a sua educação.

Aquilo que se designa de “novos públicos” traduz-se, na prática, no público infantil, e no que resulta do que hoje é cada vez mais frequente: o chamado “trabalho com a comunidade”, que inclui presos, pessoas de bairros “problemáticos”, pessoas que trabalham em fábricas, no campo, etc.

Isso não corresponde a nenhuma democratização. Os estudos que conheço revelam que as crianças que vão aos museus através da escola, não se tornam em adultos frequentadores dessas instituições. Os presos, as pessoas dos tais bairros, as que participam em iniciativas “comunitárias”, não adquirem um gosto pela prática cultural. Haverá exceções. Mas poucas.

Dizê-lo assim poderá causar escândalo e considerar-se contraditório com o facto de termos criado e desenvolvido um Serviço

Educativo. Para que servem as iniciativas dirigidas às crianças ou a grupos específicos da sociedade? A minha resposta é: para os estudantes terem uma formação mais rica, que nem os pais, nem a escola, lhes podem dar; para proporcionar a grupos de pessoas desintegradas do conjunto da sociedade momentos de felicidade e ajudar na sua inclusão.

Voltando à Culturgest.

Uma parte significativa da nossa programação dirige-se a quem tem um grau de educação muito superior à da média nacional. Um exemplo: há uns anos, não muitos, apresentámos um espetáculo de teatro que durava 6 horas, em inglês e sem legendas, em que um grande romance da literatura americana era integralmente dito, representado. Sabíamos que era um espetáculo que ia ser visto por muito pouca gente. Porque é que foi escolhido?

Para responder temos que nos libertar do que hoje é a medida de todas as coisas: a quantidade. Todas as atividades humanas, incluindo a cultura, a ciência, a educação, a saúde, passaram a ser avaliadas através de números, de quantificação. Um museu, um centro cultural, um teatro, um espetáculo, e por aí fora, são tanto mais reconhecidos quanto maior for o número de pessoas que os frequentam ou de iniciativas que promovem.

Quantidade e qualidade são, porém, duas coisas diferentes. Nem tudo é passível de ser avaliado numericamente. Na minha opinião, são mesmo poucas as coisas que devem ser avaliadas pela sua quantidade.

Medir certas realidades é inútil. Nada de verdadeiro e importante nos é revelado por esse meio.

O que leva à decisão de apresentar o espetáculo que citei não é mensurável. Fizemo-lo porque era o resultado de uma criação humana excepcional, a que não só dava muito prazer assistir, como nos interrogava e ajudava a pensar sobre coisas que fazem parte do mais importante das nossas vidas. Poderia justificar-se a escolha por outras razões se o espetáculo fosse diferente. No limite, a resposta seria: porque sim. Porque faz parte do que entendemos ser a nossa obrigação para

com o público e para com os artistas, o que é o mesmo que dizer: porque sim.

Dirigimo-nos a minorias? Sim. Todas as iniciativas culturais se dirigem a minorias. As nossas, como as de muitos outros, dirigem-se a uma minoria da minoria. Procuramos que essa minoria não seja definida por razões económicas mas pela vontade das pessoas. Sabendo que as que vão ter essa vontade são poucas.

Esta minha justificação levanta muitos problemas. Vou referir, de uma forma resumida, dois.

O elitismo não será um pecado contra a democracia? A minha resposta é que não há democracia sem elites. Não há desenvolvimento sem elites. Não há “civilização” sem elites. Quanto melhores forem as elites, melhor para toda a sociedade.

Defendendo o que defendo não significa que os poucos que fazem as escolhas de uma programação não têm o poder injustificado de dizer o que as outras pessoas devem ou não ver?

Alguém tem que fazer a programação e serão sempre poucos. Que devem saber mais do que a generalidade do público, para fazerem boas escolhas. A diversificação faz-se pela multiplicidade de propostas que uma cidade oferece aos seus habitantes ou visitantes. Como acontece em Lisboa.

Nada do que deixo dito é indiscutível. Pelo contrário. Tomara que fosse discutido.

A nossa programação para o primeiro trimestre do ano aí está. Esperamos, como sempre, que ache que tem bons motivos para nos visitar.

Miguel Lobo Antunes



# Livraria de arte

© DMF, Lisboa

A Culturgest dispõe em Lisboa de uma livraria especializada em arte contemporânea, cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. Nela se encontram, naturalmente, as publicações editadas pela Culturgest, assim como muitas outras relacionadas com artistas que aqui expuseram o seu trabalho, mas nela estão também representados muitos artistas não abrangidos pelo programa de exposições. A livraria inclui ainda uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de escritos sobre arte, com especial ênfase na história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão repartem as prateleiras com projetos editoriais de menor escala ou mesmo de muito pequena dimensão. Quase todas as publicações são disponibilizadas a preços reduzidos, por vezes muito reduzidos, para que as possamos partilhar com tantas pessoas quanto possível.

Culturgest runs a bookshop in Lisbon that specialises in contemporary art. Its titles are very carefully selected, being based on constant research and free of commercial constraints. Naturally, Culturgest's own publications are all to be found at the shop, as well as many others relating to artists who have already exhibited their work here. But other artists are also represented, whose work has not been covered by the exhibition programme. The bookshop also includes a broad selection of artists' own writings and interviews, another section on art theory and history, as well as a whole panoply of highly diverse publications that can sometimes be grouped together in small clusters. Established artists and authors rub shoulders with others that are less well known; major publishers share shelves with lesser-sized publishing projects or even very small publishers. Almost all of the publications are placed on sale at reduced, and sometimes extremely tempting, prices, so that we can share them with as many people as possible.

De terça a sexta-feira, das 11h às 18h. Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h. Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições. Tel. 21 790 51 55

## Música

- 16 **Desidério Lázaro** Subtractive Colors
- 26 **Ches Smith, Craig Taborn, Mat Maneri**
- 28 **Carmen Souza e Theo Pascal** Epístola
- 36 **Carlos Martins**
- 40 **Festival RESCALDO**
- 46 **Slow is Possible**
- 48 **The Gloaming**
- 60 **Eric Revis Trio**

## Teatro

- 20 **The Evening**  
de Richard Maxwell/New York City Players
- 22 **Isolde**  
de Richard Maxwell/New York City Players
- 32 **Final do Amor** de Pascal Rambert
- 54 **Guy de Cointet**

## Dança

- 38 **LASTRO** de Né Barros
- 58 **Delirar a Anatomia** de Ana Rita Teodoro

## Para famílias

- 30 **Lá Fora...**
- 52 **O Medo e a Coragem**

## Conferências

- 18 **Lisboa: O Tempo de Grandezas (1550-1621)**  
com José Sarmento de Matos
- 34 **Não te esqueças de viver!**  
com Maria Filomena Molder

## Leituras

- 24 **Comunidade de Leitores**  
por Helena Vasconcelos

## Visita

- 50 **Nos bastidores da Culturgest**  
Visitas para cegos e amblíopes

## Workshops/Palestra

- 56 **Cumplicidades** Festival Internacional de Dança Contemporânea de Lisboa

## Exposições

- 64 **Projecto Teatral** nenhuma entrada entrem
- 66 **Von Calhau!** oximoroboro
- 68 **Guy de Cointet**
- 70 **Ana Jotta** Cassandra

## Serviço Educativo

- 90 **Informações**





# Artista na Cidade 2016

## Faustin Linyekula



© Andreas Etter

programa

Artista  
na Cidade  
Lisboa

Alcantara  
CCB  
Companhia Nacional de Bailado  
Culturgest  
Festas de Lisboa  
Fundação Calouste Gulbenkian  
Maria Matos Teatro Municipal  
São Luiz Teatro Municipal  
Teatro Nacional D. Maria II  
Temps d'Images Lisboa

Depois de Anne Teresa de Keersmaeker (2012) e Tim Etchells (2014), Lisboa acolhe, durante o ano de 2016, o artista congolês Faustin Linyekula para a bienal Artista na Cidade. O bailarino, coreógrafo e encenador apresentará espetáculos em várias salas e espaços da cidade e criará novos projetos com artistas, estudantes e habitantes de Lisboa.

Faustin Linyekula coloca várias formas de arte – dança, teatro, música, vídeo, literatura – ao serviço de uma obra assumidamente política. Filho de um país de contrastes e contradições, nunca se cansa de falar sobre a República Democrática do Congo. Nas suas obras, mostra uma história de colonialismo e escravatura, chora a devastação provocada por guerras intermináveis, desmascara a cleptocracia reinante, denuncia a miséria e a fome... Mas Faustin não seria Faustin se também não cantasse a beleza do país onde nasceu, a generosidade e a alegria dos seus habitantes, o espírito de resiliência e a esperança que parece nunca morrer. Uma poesia profundamente humana e conciliadora percorre o conjunto da sua obra, que se lê como uma tentativa de criar memória num país onde tudo se desfaz, numa sociedade que sobrevive nas ruínas de um passado violento e sanguinário.

jan/fev

Entre 14 e 24 jan  
Teatro Camões  
**Portrait Series:  
I Miguel**  
programação da  
Companhia Nacional  
de Bailado

19, 20 e 21 jan  
local a anunciar  
**Workshop  
com alunos  
finalistas ESTC**  
programação  
do Maria Matos  
Teatro Municipal

24 jan  
Moinho da  
Juventude,  
Cova da Moura  
**Le Cargo**  
programação  
do Maria Matos  
Teatro Municipal

25 jan a 5 fev  
Espaço Alkantara  
**1Space Lab**  
programação  
do Alkantara

mai/jul

Início de maio  
a 21 de maio  
local a anunciar  
**Workshop  
com alunos  
finalistas ESTC**  
programação  
do Maria Matos  
Teatro Municipal

mai e jun  
Bairros  
multiculturais  
Grande Lisboa  
**Le Cargo**  
programação  
do Maria Matos  
Teatro Municipal

1 e 2 jun  
Culturgest  
**Sur les traces  
de Dinozord**  
programação  
da Culturgest e  
Alkantara Festival

4 e 5 jun  
São Luiz  
Teatro Municipal  
**Dialogue  
Series IV:  
Moya**  
programação do  
Alkantara Festival  
e São Luiz Teatro  
Municipal

nov/dez

4 jun a 5 jul  
local a anunciar  
**Workshop  
com alunos  
finalistas ESTC**  
programação  
do Maria Matos  
Teatro Municipal

22 a 26 jun  
Teatro Nacional  
D. Maria II  
**Voz Alta,  
Festival  
de Leituras  
Encenadas**  
programação do  
Teatro Nacional  
D. Maria II

6 a 10 jul  
Maria Matos  
Teatro Municipal  
**Apresentações  
da criação  
dos alunos  
finalistas ESTC**  
programação  
do Maria Matos  
Teatro Municipal

jun  
**Espectáculo  
de rua**  
programação das  
Festas de Lisboa

2 e 3 nov  
São Luiz Teatro  
Municipal  
**Sans-titre com  
Raymund Hoghe**  
programação  
do São Luiz  
Teatro Municipal

4 e 5 nov  
São Luiz Teatro  
Municipal  
**Le Festival des  
Mensonges**  
programação  
do São Luiz  
Teatro Municipal

10 e 11 nov  
Fundação Calouste  
Gulbenkian  
**more more  
more... future**  
programação da  
Fundação Calouste  
Gulbenkian

18 e 19 nov  
CCB  
**Statue of Loss /  
Triptyque  
Sans Titre**  
programação  
do CCB

nov  
Bairros  
multiculturais  
Grande Lisboa  
**Le Cargo**  
programação  
do Maria Matos  
Teatro Municipal

nov  
Cinema Ideal  
**Palestra de  
Isabelle Danto  
sobre a obra  
de Faustin  
Linyekula**  
programação de  
Temps d'Images  
Lisboa

dez  
local a anunciar  
**Filme  
Documentário  
Faustin e  
Lisboa, de  
Miguel Munhá**  
programação de  
Temps d'Images  
Lisboa



© Eric de Mildt



# Desidério Lázaro

Subtractive Colors

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



SEX 8 DE JANEIRO

Pequeno Auditório  
21h30 · Duração: 1h  
5€ (preço único)

M6

Saxofone tenor e soprano Desidério Lázaro Saxofone tenor e alto, flauta João Capinha Clarinete soprano e baixo Paulo Gaspar Contrabaixo Mário Franco Contrabaixo e baixo elétrico João Hasselberg Bateria Luís Candeias

Em discos como *Rotina Impermanente*, *Samsara* e *Cérebro Estado Zero*, bem como nos concertos que foi dando de Norte a Sul, Desidério Lázaro impôs-se como um dos mais cativantes saxofonistas em terras portuguesas. Senhor de um som de saxofone possante, cheio e redondo, na melhor tradição do tenor, tem sido capaz de igualar em inventividade e criatividade um invulgar domínio das técnicas do seu instrumento. Com o seu mais recente álbum, *Subtractive Colors*, completou os seus dotes como instrumentista com uma superior qualidade na composição, servida por uma multiplicidade de recursos, com diferentes ambientes e possibilidades de enredo. Jovem ainda, tornou-se num dos mais importantes músicos de jazz em atividade no País.

A formação que o acompanha é pouco usual, com três sopros, dois contrabaixos e uma bateria, associando uma visão contemporânea do jazz com influências que vão da música clássica contemporânea ao *funk*, à *soul*, ao *hip-hop*, ao *rock* e à *pop*, numa simbiose de estilos sempre com a sua marca de água, plena de ideias e personalidade. E se as composições são refinadas, as improvisações dos elementos do ensemble seguem a mesma exigência quando os temas dão lugar aos solos: a música levanta voo. *Subtractive Colors*, o novo projeto de Desidério Lázaro, é uma das melhores coisas que aconteceram ao jazz nacional na última década.

A highly trained and experienced musician, Desidério Lázaro is now one of the most exciting Portuguese saxophonists. The powerful, full, round sound of his tenor playing confirms his inventive and creative mastery of the instrument. His unusual backing band of three wind musicians, two bassists and a drummer blend their contemporary view of jazz with influences ranging from contemporary classical music to funk, soul, hip-hop, rock and pop, in a symbiosis of styles full of ideas and personality. His latest project *Subtractive Colors* is among the best Portuguese jazz albums of the last decade.

# Lisboa: O Tempo de Grandezas (1550-1621)

com José Sarmento de Matos



Francisco de Holanda, in *A Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa* (1572)

SEGUNDAS-FEIRAS  
11, 18, 25 JANEIRO  
E 1 DE FEVEREIRO

Pequeno e Grande Auditórios  
18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

*E assim, não só pelas suas naturais disposições, mas pela excelência da sua perpetuidade, [Lisboa] é digna de ser cabeça do Império de toda a Terra.*  
Luís Mendes de Vasconcelos, *Do Sítio de Lisboa* (1608)

Na sequência das grandes viagens de descobrimento, com a chegada a Lisboa dos produtos das mais desvairadas partes do mundo, Lisboa vive um tempo eufórico, bem sintetizado numa das palavras mais comuns em autores contemporâneos: as *Grandezas*. A cidade cresce desmesuradamente, como se percebe pelas novas freguesias criadas ao longo do século, bem como se instala um sentimento de ambição desmedida, em que Lisboa é projetada como eventual capital atlântica, a *Rainha dos Mares*, como lhe chama Francisco de Holanda.

Essa ambição vai traduzir-se na reflexão sobre a cidade e os seus edifícios, levando à implementação de novos grandes projetos construtivos que introduzem uma nova escala arquitetónica

na paisagem de Lisboa. Este processo vai ganhar a sua verdadeira dimensão no reinado de Filipe I (II), tendo como protagonistas D. Cristóvão de Moura e o arquiteto Baltazar Álvares.

É uma viagem sequencial neste período muito especial da história de Lisboa, do qual restam tantas marcas com que ainda lidamos dia-a-dia, que a Culturgest lhe propõe em quatro sessões.

Na sequência da graduação em História de Arte (UNL), José Sarmento de Matos dedicou-se ao estudo da Arquitetura Civil de Lisboa, alargando sucessivamente a pesquisa olisipográfica a outros campos da realidade urbana. Tem publicado vários títulos sobre a evolução histórica da cidade e participado em cursos e colóquios sobre temas lisboetas.

After the great voyages of discovery, with the arrival of products from the most far-flung parts of the world, Lisbon experienced a period of euphoria, summed up by contemporary authors in one word: *Grandeur*. The city grew enormously, filled with huge ambitions and plans to make Lisbon the Atlantic capital, the *Queen of the Seas*, in the words of Francisco de Holanda.

Such ambition was reflected in the implementation of grandiose architectural projects, particularly in the reign of Philip I (II). Culturgest will take a look at this special period in Lisbon's history in four separate sessions.

**11 de janeiro**

- Introdução
- Dois olhares sobre Lisboa: da *Descrição de Lisboa*, de Damião de Góis, à *Fábrica Que Falece à Cidade de Lisboa*, de Francisco de Holanda
- Outros textos e referências: o *Sumário*, de C. Rodrigues de Oliveira e o *Tratado da Majestade, Grandeza e Abastança da Cidade de Lisboa, na 2.ª Metade do Século XVI* (Estatística de Lisboa de 1552)
- O crescimento Urbano – As novas Freguesias

**18 de janeiro**

- Os grandes projetos
- D. João III, D. Sebastião e o Cardeal D. Henrique
- 1580
- A chegada de Filipe II
- D. Cristóvão de Moura e Baltazar Álvares
- 1597: o desastre da Invencível Armada

**25 de janeiro**

- A Nova Escala Arquitetónica: São Vicente de Fora, Santo Antão-o-Novo, Santos-o-Novo, São Bento, O Desterro

**1 de fevereiro**

- O paço da Ribeira e o palácio do Corte-Real
- *Do Sítio de Lisboa*, de Luís Mendes de Vasconcelos
- *O Livro das Grandezas de Lisboa*, de Frei Nicolau de Oliveira
- Os poemas: Gabriel Pereira de Castro e António de Sousa de Macedo
- Conclusão

# The Evening

## A Noite

de Richard Maxwell / New York City Players



© New York City Players

SEG 11, TER 12  
DE JANEIRO

Palco do Grande Auditório  
21h30 · Duração: 1h  
15€ · Jovens até aos 30 anos  
e desempregados: 5€

**Desconto especial:**  
**Bilhete conjunto de 18€**  
**para os dois espetáculos de**  
**Richard Maxwell (desconto**  
**não acumulável).**

**Em inglês, com legendas**

**M12**

**Escrita e encenação** Richard Maxwell **Com** Cammisa Buerhaus, Jim Fletcher e Brian Mendes **Músicos** James Moore, Andie Springer e David Zuckerman **Cenografia e luzes** Sascha van Riel **Figurinos** Kaye Voyce **Diretor técnico** Bill Kennedy **Técnico** Dirk Stevens **Produção** Regina Vorria **Dramaturgia** Molly Grogan **Música original** Richard Maxwell, orquestrada pelos músicos **Estreia** 8 de janeiro de 2015, Walker Arts Center, Minneapolis

São dois espetáculos numa semana: o escritor e encenador americano Richard Maxwell vem pela primeira vez a Portugal com o seu teatro direto e lacunar, feito de situações reconhecíveis e depuradas onde a emoção brota da neutralidade dos atores. Dele diz o *New York Times* que é “talvez o maior autor americano experimental da sua geração”.

Peça para três atores e três músicos, *The Evening* é a primeira prestação de um tríptico inspirado na *Divina Comédia*, mapeando uma viagem através de paisagens, em direção à redenção. Esta obra elegíaca e musical pega em três arquétipos: um lutador, um *manager* corrupto e uma prostituta, que se confrontam e se tiram as medidas numa tasca remota.

A morte do pai de Richard Maxwell ocorreu durante a escrita e ensaios da peça, que veio a incluir um prólogo tirado dos diários que ele manteve durante os últimos dias do pai: “Insistia em tentar escrever enquanto o meu pai morria. Enquanto escrevia, sentia cada vez mais que era eu quem estava a ser escrito. Na verdade, a sensação era a de ser desescrito, e sem forma.”

*The New York Times* calls Richard Maxwell “perhaps the greatest American experimental auteur of his generation.” A play for three actors and three musicians, *The Evening* is the first instalment of a *Divine Comedy*-inspired triptych that charts a journey across landscapes, toward redemption. This elegiac and musical work concerns three archetypes: a fighter, a corrupt manager, and a prostitute, as they clash and reckon with one another in a remote dive bar. The death of Richard Maxwell’s father occurred during the writing and rehearsals of the play, which came to include a prologue excerpted from the journals he kept during his father’s last days: “I kept trying to write while my dad was dying. As I wrote, I felt more and more like I was the one being written. Actually, the sensation was one of being unwritten, and without form.”

*Maxwell, artista de teatro que alcançou feitos espantosos, produziu uma história terna e cativante de amor e abandono.*  
Jennifer Krasinski, *Artforum*, 25 de março de 2015

*A bela peça nova de Richard Maxwell (...) como definição de teatro não está nada mal, enquanto um momento de luz na escuridão perpétua.*  
Ben Brantley, *The New York Times*, 17 de março de 2015



# Isolde

de Richard Maxwell / New York City Players



© New York City Players

SEX 15, SÁB 16  
DE JANEIRO

Grande Auditório  
21h30 · Duração 1h25  
15€ · Jovens até aos 30 anos  
e desempregados: 5€

**Desconto especial:**  
**Bilhete conjunto de 18€**  
**para os dois espetáculos de**  
**Richard Maxwell (desconto**  
**não acumulável).**

**Em inglês, com legendas**

**M12**

*A milagrosa Isolde do autor-encenador Richard Maxwell é um paradigma de contenção (...). A seca tragicomédia pinta a aguarela, em aguadas pálidas que nos saturam a percepção muitas horas depois. (...) Esta Isolde é mais tchekhoviana do que operática, o sangue quente arrefecido pelo humor, a autoironia, a doçura, o remorso.*  
Helen Shaw, *Time Out New York*, 14 de abril de 2014

*A escrita de Maxwell é belíssima, e por vezes muito divertida, e o estilo de representação parece maravilhosamente verdadeiro: enquanto espécie, é bem provável que sejamos assim desencarnados.*  
Trish Deitch, *The New Yorker*, 6 de setembro de 2015

**Escrita e encenação** Richard Maxwell **Com** Jim Fletcher, Tory Vazquez, Gary Wilmes e Brian Mendes **Cenografia** Sascha van Riel **Figurinos originais** Romy Springsguth **Figurinos adicionais** Kaye Voyce **Coordenação de iluminação** Zack Tinkelman **Diretor técnico** Dirk Stevens **Produção** Regina Vorria **Excerto sonoro** Daniel Ott, interpretado por Sylwia Zytynska, Lanet Otero, Malte Preuss **Estreia americana** 10 de abril de 2014, Abrons Arts Center, Nova Iorque

*Isolde* é uma peça inspirada na lenda de Tristão e Isolda, sobre a memória, a identidade, o efêmero e a infidelidade.

O casamento de Patrick e Isolde parece ser feliz. Patrick é dono de uma bem-sucedida empresa de construção, e Isolde é uma atriz famosa. Mas Isolde vai deixando de ser capaz de se lembrar das suas falas. Quando decide construir a casa dos seus sonhos, o marido está desejoso de ajudar. Mas o projeto é posto em risco por Massimo, um arquiteto premiado que Isolde contrata.

Richard Maxwell (nascido em West Fargo, North Dakota, 1967) é dramaturgo e encenador. Depois de frequentar a Illinois State University em Normal, mudou-se para Chicago e foi um dos fundadores do Cook County Theater Department. Mudou-se para Nova Iorque em 1994. É atualmente diretor artístico dos New York City Players. Recebeu as bolsas Guggenheim e da Foundation for Contemporary Arts e foi artista convidado da Whitney Biennial e artista Doris Duke em 2012. Recebeu dois Obies e em 2014 o prémio Spalding Gray. As suas peças foram coproduzidas por alguns dos principais teatros e festivais europeus e americanos.

*Isolde* is a play inspired by the legend of Tristan and Isolde, about memory, identity, the ephemeral and infidelity. The marriage of Patrick and Isolde appears to be happy. Patrick is the owner of a successful construction company, and Isolde is a star actress. But Isolde finds herself increasingly unable to remember her lines. When she decides to build her dream house, her husband is eager to help. But the project is jeopardized by Massimo, an award-winning architect whom Isolde hires.

Richard Maxwell (born in West Fargo, North Dakota, 1967) is a playwright and director. After attending Illinois State University, he moved to Chicago and became a founding member of the Cook County Theater Department. He moved to New York in 1994. He is currently the artistic director of New York City Players.

# Comunidade de Leitores

## Atmosferas

por Helena Vasconcelos



Ekaterina Panikanova. *Errata Corrige* #2234, 2013

**QUINTAS-FEIRAS  
DE 14 DE JANEIRO  
A 7 DE ABRIL**

**Sala 1 · 18h30**

Inscrições na bilheteira da Culturgest, pelo telefone 21 790 51 55 ou pelo e-mail culturgest.bilheteira@cgd.pt  
Lotação: 40 participantes

A afirmação de que a Literatura define o espírito de um tempo, num determinado espaço, numa determinada geração, numa determinada conjuntura tornou-se, há muito, um cliché. No entanto, nunca é demais enfatizar que a “ficção” é, literalmente, a “realidade” possível, graças ao engenho de escritores e escritoras que, no ato de captar determinadas “atmosferas”, nos convocam para a reflexão sobre o mundo e sobre tudo o que faz parte da dinâmica do universo. As obras incluídas nesta Comunidade são muito diferentes entre si – metade delas definem um tempo violento, a outra metade momentos pacíficos (embora exaltantes) – mas convergem num ponto: a mestria dos respetivos autores e autoras.

A convulsa Nápoles da misteriosa Elena Ferrante, o Alentejo profundo de Mário de Carvalho, o espaço mental dos membros da família Ramsay, em Virginia Woolf, a América durante a Depressão de Marylinne Robinson, o quotidiano banal dos carrascos dos campos de concentração nazis, em Martin Amis, e a desumanidade dos trabalhos forçados na obra de Flanagan serão certamente pretextos pertinentes para longas conversas e muita discussão.

Helena Vasconcelos

One can never overemphasise that “fiction” is literally the “reality” made possible by the genius of writers in capturing certain “atmospheres”. The works read by this book club all agree on one point: the mastery of their authors. Elena Ferrante’s convulsive Naples, Mário de Carvalho’s deepest Alentejo, the mental space of the Ramsay family, in Virginia Woolf, Marylinne Robinson’s America during the Depression, the banal everyday life of the executioners in the Nazi concentration camps, in Martin Amis, and the inhumanity of forced labour in Flanagan will certainly stimulate long discussions.

**14 de janeiro**

*A Amiga Genial*, Elena Ferrante, ed. Relógio D’Água

**4 de fevereiro**

*Zona de Interesse*, Martin Amis, ed. Quetzal

**25 de fevereiro**

*Lila*, Marilynne Robinson, ed. Presença

**3 de março**

*Rumo ao Farol*, Virginia Woolf, ed. Relógio D’Água

**31 de março**

*A Senda Estreita para o Norte Profundo*, Richard Flanagan, ed. Relógio D’Água

**7 de abril**

*Fantasia para Dois Coronéis e uma Piscina*, Mário de Carvalho, Porto Editora

# Ches Smith, Craig Taborn, Mat Maneri

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



DOM 17 DE JANEIRO

Pequeno Auditório  
21h30 · Duração: 1h  
5€ (preço único)

M6

Bateria, percussão Ches Smith Piano Craig Taborn  
Viola Mat Maneri

Até há não muitos anos, quando se queria dar o exemplo de um bom baterista de jazz capaz também de forjar um contagiante balanço de rock, surgiam logo os nomes de Jim Black e Chris Corsano. Agora, essa curta lista foi acrescentada com o nome de Ches Smith, parceiro de músicos como Tim Berne, Wadada Leo Smith e John Tchicai, que é ou foi também membro de bandas como Mr. Bungle, Secret Chiefs 3, Xiu Xiu e Ceramic Dog. Pois o líder dos jazzísticos These Arches tem um novo projeto que envolve músicos de perfil semelhante, com disco a aguardar publicação ainda este ano pela ECM. São eles Craig Taborn e Mat Maneri, o primeiro um pianista que habitualmente utiliza instrumentos elétricos e eletrônicos *vintage*, como o Fender Rhodes e o Moog, e que cresceu a ouvir e a tocar jazz, música contemporânea, *techno* e metal, e o segundo um violinista e violetista que herdou o híbrido de jazz e serialismo do seu pai, Joe Maneri, e o tem aplicado num vasto leque de situações.

O trio apresenta em Portugal, pela primeiríssima vez, uma música que se baseia em composições abertas do próprio Smith, concebidas para providenciarem aquilo que estes músicos fazem melhor: improvisar. Designadamente, improvisar sem fronteiras nem delimitações de estilo, confiando apenas na escuta, na interação das capacidades criativas de todos os três e naquilo que a crítica especializada já categorizou como uma «química especial». Algo que resulta de uma experiência acumulada que passou pelas colaborações individuais destes magníficos instrumentistas com figuras de primeiro plano como Lee Konitz, John Zorn, Terry Riley, Roscoe Mitchell, Dave Holland, Evan Parker, Dave Douglas, Barre Phillips e Marilyn Crispell, entre muitos outros.

Ches Smith, one-time member of bands such as Mr. Bungle, Secret Chiefs 3, Xiu Xiu and Ceramic Dog, is the latest name in the list of good jazz drummers capable of playing a catchy rock beat. His latest project has led him to form a trio with electric pianist and keyboards player Craig Taborn and jazz violinist Mat Maneri, who will be performing in Portugal for the first time, improvising on Smith's own open-ended compositions, without any stylistic limitations, and trusting only in their ears, in their creative capacities, and what critics have described as their own “special chemistry”.



# Carmen Souza e Theo Pascal

Epístola



SÁB 23 DE JANEIRO

**Grande Auditório**  
 21h30 · Duração: 1h30  
 18€ · Jovens até aos 30 anos  
 e desempregados: 5€

M6

Voz, piano acústico Carmen Souza **Guitarra** Wurly  
**Baixo e contrabaixo** Theo Pascal **Bateria** Shane Forbes  
**Saxofone** Nathaniel Facey

Carmen Souza nasceu em Lisboa de uma família cabo-verdiana. Cresceu falando crioulo e português, rodeada da maneira de viver dos seus pais. Autodidata, cantou num grupo português de *gospel*.

Descoberta, aos 22 anos, pelo baixista Theo Pascal, que se tornou no seu produtor e mentor, rapidamente constrói um som inconfundível, servido por um timbre e uma técnica vocal únicos, com uma grande amplitude de voz. O seu som tem raízes na cultura cabo-verdiana e influências dos ritmos tradicionais africanos, dos da América Latina e do jazz.

A sua carreira de sucesso tem-na levado por toda a Europa, mas também por Cabo Verde, Brasil, Estados Unidos e Canadá. Apresentou-se em festivais de jazz de primeira linha como os de San Francisco, Monterrey, Montreal ou North Sea. Recebeu vários prémios e os seus discos têm merecido por toda a parte excelentes críticas.

Em janeiro de 2014 lançou na Culturgest o seu CD *Kachupada*, esgotando um Grande Auditório vibrante, como o fez e continua a fazer por muitas salas no estrangeiro.

Volta agora num concerto que tem por base o seu sétimo e mais recente álbum, *Epístola*, que regista temas em crioulo, português, francês e inglês. Neste CD a influência do jazz é mais marcada. Há quem diga que se trata de *world jazz*. Pouco importa a classificação. Carmen Souza é de uma originalidade que escapa a todas as gavetas onde a queiram arrumar.

Lisbon-born Carmen Souza grew up speaking Creole and Portuguese and singing in a gospel group. Discovered at the age of 22 by bass player Theo Pascal, she soon developed her own distinctive sound, rooted in Cape Verdean culture, influenced by African, Latin American and jazz rhythms, and marked by the great range of her vocal skills. She has sung all over the world, performing at such major festivals as San Francisco, Monterrey, Montreal and North Sea. She returns to Culturgest with music from *Epístola*, her latest jazz-based album, although her originality makes her music hard to classify.

[www.carmensouza.com](http://www.carmensouza.com)

[www.facebook.com/  
carmensouzaofficial](https://www.facebook.com/carmensouzaofficial)

[www.twitter.com/  
carmensouza](https://www.twitter.com/carmensouza)

[www.youtube.com/  
carmensouzavideos](https://www.youtube.com/carmensouzavideos)

[www.vimeo.com/carmensouza](https://www.vimeo.com/carmensouza)

# Lá Fora...

SÁB 23, DOM 24  
DE JANEIRO

Palco do Pequeno Auditório  
(lotação: 54 lugares)  
10h e 11h (sábado)  
10h30 e 16h (domingo)  
Duração: 30 min.  
3,50€ (preço único)

Para todos os públicos  
(famílias e crianças dos  
6 meses aos 3 anos)



© Nuno Figueira

**Interpretação e criação** Crista Alfaiate e Carla Galvão  
**Música baseada em** *Forró Bé Beri Bé*, de Camarão; *Les Rois Fainéants*, de André Bourvil; *Lagoa*, de Hermeto Pascoal; *Mwana Talitambula*, *Tulô, Tulô*, cancionero da comunidade judaica do Uganda; poema sem título de Lucinda Atalaya **Espaço cénico, adereços e figurinos** Marco Fonseca **Desenho de luz** Nuno Figueira **Fotografia** Filipe Ferreira e Nuno Figueira **Produção executiva e difusão** Stage One – Produção e Agenciamento **Coprodução** Centro Cultural Vila Flor e Teatro Meridional **Apoio** João Pires (Metropolitana), Eira, Máquina Agradável, Fernando Mota, Pedro Lima, Inês Pereira e Pedro Filipe Marques

Dois mulheres guardam uma luz no sótão. Podemos ver essa luz de fora e saber que Elas estão lá dentro, a olhar cá para fora.

*Lá Fora...* nasce da vontade de subir a esse lugar, de encontrar a memória coletiva onde pais e filhos partilham um ambiente criativo.

*Lá Fora...* teve como ponto de partida alguma da dinâmica da obra de Shel Silverstein, poeta, compositor, músico, cartoonista e autor americano de livros para crianças.

A *performance* cria um espaço lúdico e sonoro que incita o público a imaginar o impossível, demonstrando assim a importância de ver o mundo de outros ângulos e o potencial que cada um tem de criar.

*Lá Fora...* é um sítio onde aprendemos e descobrimos tudo pela primeira vez, às vezes tropeçamos e caímos e encontramos a diversão de nos levantarmos e cair e levantar outra vez.

Inspired upon the work of American poet, composer, musician, cartoonist and writer Shel Silverstein, *Lá Fora...* helps very young children to explore the many ways of grasping the unknown, interacting with the baby's sense of identity.

Two women keep a light in their attic. We see this light from outside, knowing that they are there, looking out. *Lá Fora...* springs from our desire to discover the collective memory where parents and children share a creative environment. To demonstrate the importance of seeing the world from different angles, we bring you sounds and actions from this universe.

Espectáculo coproduzido  
no âmbito da rede 5 Sentidos

# Final do Amor

de Pascal Rambert  
Encenação de Victor de Oliveira



© Edgar de Oliveira e Marta Angelozzi

DE TER 2 A SÁB 6  
DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório  
21h30 · Duração: 1h30  
12€ · Jovens até aos 30 anos  
e desempregados: 5€

M12

**Texto** Pascal Rambert (*Clôture de l'amour*, 2011) **Tradução e encenação** Victor de Oliveira **Com** Gracinda Nave e Victor de Oliveira **Música** Vítor Rua **Cenografia e desenho de luz** Michel Gueldry **Figurinos e assistência de encenação** Cláudia Lopes Costa **Coprodução** Culturgest e Roundabout.lx-Candela Varas

Num palco quase vazio, um homem e uma mulher confrontam-se num diálogo que é na verdade dois monólogos, e isso através de palavras-soco, que batem forte, machucam, deixam vestígios. As perguntas/respostas sucedem-se, a respiração bloqueia-se, torna-se uma espécie de abismo entre o medo e a libertação, entre o alívio e o choque. É uma experiência que o público vive como se olhasse pelo buraco da fechadura. Num texto que soa como uma arma de fogo, assistimos, impotentes, às deflagrações. Tal como as personagens, estamos “sentados em cima de um vulcão”, com medo da erupção iminente. O masculino e o feminino enfrentam-se: dois olhares, duas linguagens para exprimir a violência de um amor que acaba. Último round.

Victor de Oliveira

Dramaturgo, encenador, realizador e coreógrafo, Pascal Rambert é diretor do Théâtre de Gennevilliers. *Final do Amor* é uma peça premiada que estreou em Avignon em 2011 e que Rambert encenou já em várias línguas e cidades, de Roma a Nova Iorque, de Osaka a Barcelona.

Nascido em Moçambique, Victor de Oliveira fez o curso de atores do Instituto Franco-Português e mudou-se para Paris em 1994, trabalhando com encenadores como Wajdi Mouawad e Stanislas Nordey. Em Portugal apresentou *Magnificat* (Festival de Almada, 2000) e *Na Solidão dos Campos de Algodão* de Koltès (enc. Philip Boulay, Culturgest / Festival de Almada, 2006).

A man and a woman confront one another in a dialogue that is, in fact, two monologues, using words as if they were landing punches, hitting hard, crumpling their opponent and clearly leaving their marks. Between fear and liberation, relief and shock, the audience experience this confrontation as if they were watching everything through a keyhole. We watch, helplessly, as the flames rise. Two ways of seeing things, two different languages used to express the violence of a love that has reached its end.

O texto da peça está publicado nos Livrinhos de Teatro, numa edição Artistas Unidos/Cotovia/Culturgest.



# Não te esqueças de viver!

com Maria Filomena Molder



Fotografia de Jorge Molder da série *O suave fazer de preto e branco*, 1982/85

**SEGUNDAS-FEIRAS**  
8, 15, 22 E 29 DE FEVEREIRO

**Pequeno Auditório**  
18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

**8 de fevereiro**

“Ó cousas tão vãs, tão mudaves, / Qual é tal coração qu’em vós confia?”

**15 de fevereiro**

“Primeiro: continuar. Segundo: começar”.

**22 de fevereiro**

“Caminha melhor quem menos coisas transporta”

**29 de fevereiro**

“Não te esqueças de viver!”

*Não te esqueças de viver* é o título da última obra (2008) de Pierre Hadot. O seu subtítulo – *Goethe e a tradição dos exercícios espirituais* – servirá de guia a estas quatro conferências. Cada uma delas pretende ser o desenvolvimento de alguns exercícios espirituais, inscrevendo-se na tradição referida por Hadot, mas também acrescentando variantes ou mesmo novos exercícios.

No seu ensaio *Da Fisionomia*, Montaigne comenta a frase de Cícero: *a vida inteira dos filósofos é um estudo da morte*, nestes termos: «Mas sou da opinião de que [a morte] é o fim, mas não a finalidade da vida; é o seu fim, a sua extremidade, não porém o seu objecto. A vida deve ser para si mesma o seu objectivo, o seu desígnio [...]».

Aqui, estamos na última página do texto “Mors certa hora incerta”, capítulo da derradeira obra de Fernando Gil, *Acentos* (2005), na qual, contrariando as evidências da racionalidade moderna, a contingência da vida humana com o seu cortejo de incertezas, a vida irrepitível, é celebrada pela atenção a formas decisivas do agir humano, como sejam, crer e confiar, traçando o movimento que vai de se perceber agarrado à vida até à aceitação da vida, que inclui a experiência da saudade daquilo que é perecível, na qual culmina a aceitação.

Esse movimento é uma forma de heroísmo que surpreendemos nos autores que nos vão ocupar, Fernando Gil e Pierre Hadot/Goethe, a que se associam Alain, Nietzsche, Wittgenstein, Emerson, Montaigne. Sá de Miranda, Joaquim Manuel Magalhães e Agustina providenciam as fontes poéticas.

Maria Filomena Molder é professora catedrática aposentada, FCSH, UNL. Últimas publicações: *Símbolo, Analogia e Afinidade*, Vendaval, 2009. *O Químico e o Alquimista. Benjamin, Leitor de Baudelaire*, Relógio d’Água, 2011 – Prémio Pen-Club 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d’Água, 2014.

*Do not Forget to Live* was the title of Pierre Hadot’s last work (2008). Its subtitle – *Goethe and Tradition of Spiritual Exercises* – will be the guide for these four talks, each of which is designed to be the development of certain spiritual exercises, belonging to Hadot’s tradition, but also adding some variants or new exercises. We find ourselves on the last page of Fernando Gil’s “Mors certa hora incerta”, celebrating the unrepeatable of human life through acts such as believing and trusting. This movement is a form of heroism that we will find in the many different authors studied here.

# Carlos Martins



© Luisa Ferreira

SEX 12 DE FEVEREIRO

**Grande Auditório**  
 21h30 · Duração: 1h20  
 18€ · Jovens até aos 30 anos  
 e desempregados: 5€

M6

**Saxofone** Carlos Martins **Bateria** Alexandre Frazão  
**Contrabaixo** Carlos Barretto **Guitarra** Mário Delgado

*O Jazz não é uma música em si mas uma maneira de se fazer música.* Willis Conover

O disco *Absence* trouxe claramente à discografia portuguesa um som diferente. Em primeiro lugar na atitude determinada de guardar o maior silêncio possível dentro do som produzido obrigando a uma disciplina inédita do coletivo. Terá sido também essa disciplina e a vontade de partilha da generosidade que conquistou o coração de tantos portugueses que escutaram o *Absence* e o transformaram num dos discos de jazz mais vendidos dos últimos anos em Portugal.

Agora haverá um novo disco, com outras nuances, que é a continuação do *Absence*, como um segundo volume mais alegre e quente, tocando uma inquietação calma inspirada ainda numa incerta nostalgia, sentindo o pulso do ambiente que vivemos aqui e no mundo. É também fruto do natural desenvolvimento da música, dentro de um sistema permeável como é o Quarteto, em contacto com o público nos concertos feitos entretanto, em *performances* iluminadas que se afastaram ligeiramente do som inicial. Não por coincidência o último concerto feito na Culturgest, realizado também num dia 12 de fevereiro, foi um momento de celebração do CD *Água* ainda com as cores do piano de Sassetti... Em 2016 teremos outras cores e algumas surpresas, como acontece sempre que Carlos Martins vai a estúdio.

*Absence*, one of the top selling jazz albums in Portugal in the last ten years, clearly brought a different sound to Portuguese recorded music, calling for an exceptional collective discipline and shared generosity. Following on from *Absence*, there is now a new record, with other nuances, warm and happy, with a calm restlessness inspired by an uncertain feeling of nostalgia and taking the pulse of the world we live in. It is also part of the natural development of this music within the permeable system of the Quartet, in contact with the audience and moving slightly away from the initial sound.

# LASTRO

de Né Barros



© Balleteatro

SEX 19, SÁB 20  
DE FEVEREIRO

Grande Auditório  
21h30 · Duração: 1h  
12€ · Jovens até aos 30 anos  
e desempregados: 5€

M12

Na sexta-feira 19, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Direção e coreografia Né Barros Música Gustavo Costa  
Cenografia Cristina Mateus Interpretação André Mendes, Bruno Senune, Camila Neves, Elisabete Magalhães, Flávio Rodrigues, Joana Castro, Pedro Rosa, Sónia Cunha, Afonso Cunha e Katycilanne Reis (estagiários) Interpretação musical Angélica Vasquez (Harpa) e Cristina Mateus (Bombo) Desenho de luz José Álvaro Correia Maquinista Filipe Silva Produção Tiago Oliveira Coprodução Balleteatro, Culturgest, Teatro Municipal do Porto – Rivoli

Sob um céu estranho os corpos vão ocupando um lugar e gerando a sua rotina e as suas ligações. Os movimentos dos corpos, juntamente com o dispositivo cénico, criam o lugar teatral, um lugar subjetivo, em mudança, um lugar que é feito de memória. É essa memória que persiste depois da catástrofe; as coisas mudaram e ficou apenas uma memória alastrada. Neste lugar, os corpos realizam dois ciclos em quase repetição, repetem para resistir ao final que se imagina e para que algo perdure. O apagamento final é o alastrar de uma catástrofe. É sob este estado que este lugar teatral é zona de perigo e espaço de abandono. Simultaneamente previsível e imprevisível, o lastro é também o peso que afunda os corpos e, neste caso, que os assombra. O céu pode cair e seria a última coisa que poderíamos prever. Como num sem-saída, não se progride, a coreografia é uma marcha num *continuum* infinito, não levará a lado algum.

Né Barros

Né Barros, coreógrafa e bailarina, investigadora no Instituto de Filosofia no Grupo de Estética, Política e Artes (UP), é Doutora em Dança pela Universidade Técnica de Lisboa (FMH) e Mestre em Dance Studies pelo Laban Centre, Londres. Iniciou os estudos de dança em Portugal e estudou dança contemporânea e composição coreográfica no Smith College (EUA). Tem apresentado o seu trabalho desde a década de 1990 com o Balleteatro, de que é cofundadora e membro da direção, com a Companhia Nacional de Bailado, o Ballet Gulbenkian e a Aura Dance Company (Lituânia). Tem o curso de teatro da ESAP e fez cinema e teatro. Tem colaborado com artistas plásticos, fotógrafos, músicos, encenadores e artistas multimédia.

Under a strange sky, bodies generate their routine and connections, creating the theatrical place, a subjective and changing place, made of memory – the memory that persists after the catastrophe. Here, the bodies almost repeat two cycles, resisting the end that is imagined, and ensuring that something endures. Simultaneously predictable and unpredictable, the ballast is also the weight that sinks the bodies and, in this case, haunts them. The sky may fall, the last thing we might predict. There is no way out, no progression; the choreography moves along an infinite *continuum*, leading nowhere.

[www.balleteatro.pt](http://www.balleteatro.pt)



# Festival RESCALDO



© Travassos

DE SEX 19 A SÁB 27  
DE FEVEREIRO

21h30  
6€ (preço único)

M6

**Produção** Culturgest/Trem  
Azul **Comissário** Travassos  
**Textos** Rui Dâmaso  
**Ilustração** Travassos **Parceiros  
de comunicação** Wake Up

festival-rescaldo.info  
facebook.com/rescaldo

A 9.ª edição do Festival RESCALDO, a realizar nos habituais espaços da Culturgest e da Galeria Zé dos Bois, volta a oferecer a oportunidade de testemunhar algumas das mais destacadas e das mais promissoras músicas “sem rede” e sem género do panorama nacional.

A celebração de mais um ano de extrema riqueza – a nível autoral e da consolidação de percursos – da criação e do experimentalismo em terras lusas, é assinalada pela presença de projetos e músicos cuja dimensão internacional tem vindo a conhecer um salutar fortalecimento (casos de Norberto Lobo, Filipe Felizardo ou Gala Drop, por exemplo), ou, como é também norma, de novos valores (casos de Papaya, Ozo ou Acid Acid).

Depois de, na edição anterior, o norte do país ter merecido especial destaque, é para Lisboa que se volta o principal foco deste RESCALDO, prova de que a capital continua a ser um polo de invulgar dinamismo, qualidade e sentido de

busca nas franjas da música; no entanto, o norte continua a ser representado e representativo de uma também intensa dinâmica criativa, sendo que é das mais altas latitudes que provém um dos momentos mais aguardados desta edição, que dá também sequência a uma das marcas já indelévels do RESCALDO – a promoção de colaborações inéditas e fora de todas as zonas de conforto – com o encontro em palco dos psicadélicos Black Bombaim e da luminária do jazz vanguardista mundial, o saxofonista alemão Peter Brötzmann.

O RESCALDO volta para espelhar da forma mais fiel possível o privilégio que é ter, em Portugal, tantos e tão inspirados aventureiros sonoros nos mais variados quadrantes estéticos.

Embarquem connosco nesta aventura.

The 9th RESCALDO Festival once again offers the chance to hear some of the most promising genre-free music in Portugal. Portuguese creativity and experimentalism are demonstrated by internationally established projects and musicians, as well as emerging stars. This year, the main focus is on Lisbon, proving that the capital is an unusually dynamic musical centre, although the north of the country continues to be highly creative, offering one of the high spots of this edition with the onstage encounter of the psychedelic Black Bombaim and the avant-garde German jazz saxophonist Peter Brötzmann.

**Sexta, 19 de Fevereiro**  
Pequeno Auditório  
**Duração: 1h45 com intervalo**

© Sara Rafael



## Filipe Felizardo

**Guitarra elétrica**  
Filipe Felizardo

Quando, em 2012, lançou *Guitar Soli for the Moa and the Frog*, pela Shhpuma, já se intuía que Filipe Felizardo caminhava para uma voz única num panorama internacional repleto de guitarristas mais ou menos atreitos à revisitação das raízes e fundações dos blues e do que se convencionou chamar “american primitivism”. Quatro anos depois, interpretamos já esse disco como 1.º volume de uma série de lançamentos (que culminou no passado novembro, com a edição de *Volume IV – The Invading past and other dissolutions*, segunda pela franco-suíça Three:Four Records) que instituíram, definitivamente e sem margem para quaisquer dúvidas, a música deste lisboeta como profundamente idiossincrática, inconfundível, e, sobretudo, bela – como só a conjugação de um lirismo intensamente pessoal, a fusão de uma guitarra e seu tocador, e o

papel de um amplificador cujo som parece só existir nas mãos de Felizardo, pode ser. [soundcloud.com/filipe-felizardo](https://soundcloud.com/filipe-felizardo)

## Ozo

**Piano preparado** Paulo Mesquita **Bateria preparada** Pedro Oliveira

*A kind of Zo*, estreia do duo de Paulo Mesquita e Pedro Oliveira na Shhpuma (2015), é um feliz encontro de proveniências díspares, em que o piano e a formação clássica do primeiro e o *background* do segundo enquanto baterista dos rockeiros Peixe:Avião geram um objeto que traz à memória os mais marcantes discos dos norte-americanos Rachel's, fundadores de um género até hoje quase sem seguidores, e que poderíamos designar por *chamber post-rock*. Há nos *Ozo*, no entanto, qualquer coisa mais que essa capacidade de criar quase-canções de narrativa e harmonia irrepreensíveis, qualquer coisa que obedece a uma vontade muito particular de não deixar portas por abrir nem em seguir até ao fim do caminho que parece desbravado, qualquer coisa que, pela sua evidente paixão pela expressividade

© Lauren Maganete



eletroacústica, os leva para recantos e desvios que tornam o seu experimentalismo numa experiência. [shhpuma.com/product/ozo-a-kind-of-zo-2](https://shhpuma.com/product/ozo-a-kind-of-zo-2)

**Sábado, 20 de Fevereiro**  
**Pequeno Auditório**  
**Duração: 1h45 com intervalo**

© Rui Mantero



## Timespine

**Zither, eletrónicas** Adriana Sá **Baixo elétrico** John Klima **Dobro, percussão** Tó Trips

A música do trio Timespine (Adriana Sá, John Klima e Tó Trips), toda ela criada a partir de cordas (zither guitarra-baixo e dobro, respetivamente) parece conter em si todas as músicas originárias do mundo que se sustentam neste tipo de instrumentos. No seu disco de estreia, prestes a ser atualizado por um aguardado segundo lançamento, confluem pistas que remetem para a tradição hindustani, para a corá oeste-africana, para o koto japonês e, claro, para a tradição de seis cordas do sul norte-americano. Uma música de simplicidade desarmante, de entrega total a uma procura pela beleza improvisada a partir de notações gráficas, e de possessão tranquila de

um segredo íntimo e de um entendimento quase místico da música enquanto tradução do próprio solo e matéria do mundo. [shhpuma.com/product/adriana-sa-to-trips-john-klima-timespine-2](https://shhpuma.com/product/adriana-sa-to-trips-john-klima-timespine-2)

## Norberto Lobo

**Guitarras** Norberto Lobo

De Norberto Lobo já tudo se escreveu; guitarrista prodigioso e verdadeiro milagre surgido nas fileiras da grande vaga de música exploratória lisboeta na primeira década do milénio, voz única e verdadeiro património da música mundial (sem qualquer tipo de exagero), autor e instrumentista de talento raro e abençoado. Tudo se escreveu, então, mas a cada disco, a cada concerto, se suspeita que nem tudo se ouviu: a voz continua a murmurar histórias e a tocar sentimentos que não sabemos acessíveis sem esta mediação, a guitarra continua a transfigurar-se em instrumento desconhecido, em melodias e sons que não sabemos acessíveis a não ser pela mão de Norberto Lobo; as narrativas continuam a parecer conhecidas até que percebemos que nunca as seguimos exatamente assim, e

© Vera Marmelo



o caminho do músico lisboeta cresce e cresce rumo ao infinito. Um concerto de onde nunca saímos iguais. [wearethreefour.bandcamp.com/album/fornalha](https://wearethreefour.bandcamp.com/album/fornalha)

**Quinta, 25 de Fevereiro**  
**ZDB (Galeria Zé dos Bois)**  
**Duração: 1h45 com intervalo**

© Rita Sousa Vieira



## Acid Acid

**Guitarra e sintetizadores**  
Tiago Castro

Projecto emergente do radialista Tiago Castro, há muito ligado à música na sua vertente de melómano e divulgador, que decidiu, em 2014, passar para o palco um amor confesso pelo psicadelismo e pelos ensinamentos sonoros das décadas de 1960 e 1970 tal como delas se lembra uma geração que não as viveu na pele.

Com um percurso que conta já com presenças em festivais como o Mucho Flow ou o Reverence Valada, a música de Acid Acid, criada a partir de uma guitarra, de um sintetizador e de *samples* criteriosamente escolhidos, cresce para um *looping* aparentemente infinito de camadas melódicas e de filigranas sónicas. Traços da feição mais planante do *krautrock* alemão são aqui uma

referência incontornável, com a intuição fantasmática de um bucolismo eletrónico e saturado que se persegue num jogo circular e que sempre oferece recompensa. [acidacidmusic.bandcamp.com](https://acidacidmusic.bandcamp.com)

## Plus Ultra

**Voz** Gon **Bateria** Kino **Guitarra** Azevedo

Autêntico supergrupo das franjas do rock a norte de Portugal, o trio de Gon (Zen), Kino (Ornatos Violeta) e Azevedo (Mosh) regressou, em 2015, ao mundo “dos vivos” com uma k7 editada pela emblemática Lovers & Lollypops, e concertos em festivais como o Milhões de Festa ou o Sonic Blast Moledo.

Com uma guitarra, uma bateria “e meia”, e uma voz que continua a ser das mais carismáticas e expressivas do rock nacional, os Plus Ultra tomam como seu um certo rock *sludge funk* de que só nos recordamos, apropriadamente, nos saudosos Zen, aparentando continuar a trilhar um caminho que consistentemente nos vai oferecendo uma casta única de suor e intensidade incomparáveis. [tapesshesaid.bandcamp.com/album/vol-1](https://tapesshesaid.bandcamp.com/album/vol-1)

© NFangueiro



**Sexta, 26 de Fevereiro**  
**Garagem da Culturgest**  
**Duração: 1h45 com intervalo**



## Papaya

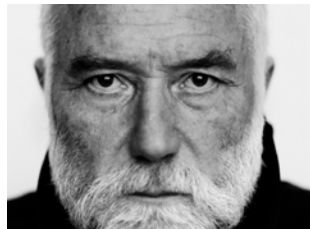
**Voz, baixo** Bráulio Amado **Guitarra** Óscar Silva **Bateria** Ricardo Martins

*Um/I* é o nome do álbum de estreia (2013) deste trio de pop inclassificável que é, também ele, uma espécie de super grupo da cena indie nacional (com Bráulio Amado, dos Adorno, na voz e baixo, Óscar Silva, o senhor Jibóia, na guitarra, e Ricardo Martins, ex-Lobster, na bateria). Nele, testemunhamos canções hiperativas – se é que tal designação possa ser utilizada – mas paradoxalmente curtas e incisivas, habitadas por uma estranheza que deriva de uma clara intenção de aproximar as latitudes pós-punk da banda com um certo ideal de tropicalismo que se presente não tanto nos ritmos como em especificidades e cromatismos saídos das guitarras, com amplo recurso a efeitos e dobragens tonais.

Trazem na bagagem o segundo lançamento, de 2015, apropriadamente intitulado *Dois/II*, para esta edição do Rescaldo.

[papayapapaya.bandcamp.com](https://papayapapaya.bandcamp.com)





### Black Bombaim + Peter Broetzmann

#### Guitarra elétrica

Ricardo Miranda

Bateria Paulo Gonçalves

Baixo Tojo Rodrigues

Saxofones Peter Brötzmann

Poderíamos referir-nos a este encontro como uma “colaboração improvável”; afinal, e pese embora o estatuto galopante dos barcelenses Black Bombaim no circuito europeu e mundial da música mais psicadélica e verdadeiramente espacial do rock instrumental, a verdade é que Peter Brötzmann, soprador violentíssimo e decano do jazz mais explosivo que o mundo já conheceu, é figura maior em qualquer palco que pise, seja com que companhia for. Improvável é, de certa forma, ver o mestre alemão com estes três rapazes de talento incrível. Uma análise mais cuidada ao percurso dos Black Bombaim, no entanto, mostra-nos que a

sua música tem vindo, desde a sua génese, a abrir-se a todo o tipo de colaborações e a convidados tão ilustres como Adolfo Luxúria Canibal, Noel V. Harmonson, Isaiah Mitchell ou, de forma mais relevante, os saxofones do recém-desaparecido Steve Mackay e do luso Rodrigo Amado, cada vez mais figura de proa do *free jazz* internacional.

Este encontro talvez não tão improvável, como nos pareceria numa primeira abordagem, promete ser um passo mais neste percurso do trio luso, é uma ocasião mais para que, lado a lado com um titã da música – de qualquer música – a nível mundial, se supere e se volte a superar rumo às estrelas que a sua música sempre parece querer alcançar. [blackbombaim.com](http://blackbombaim.com)  
[www.peterbroetzmann.com](http://www.peterbroetzmann.com)

**Sábado, 27 de Fevereiro**  
**Garagem da Culturgest**  
**Duração: 1h45 com intervalo**

### HHY & The Macumbas

Bateria João Filipe

Maracas Filipe Silva

Baixo Rui Leal Conga Brendan

Hemsworth Percussão Frankão

Trompete André Rocha

Trompete Álvaro Almeida

Eletrónicas Jonathan Saldanha



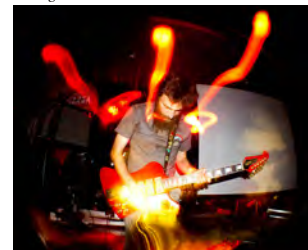
Os portuenses HHY & The Macumbas são, definitivamente, das mais originais e bizarras criações que já se puderam testemunhar em palco. Formados por uma verdadeira constelação de criatividade e inventividade com raízes já profundas na segunda cidade do país (como Jonathan Uliel Saldanha, Filipe Silva ou João Pais Filipe), são, mais que uma experiência de palco ou de estúdio, uma verdadeira celebração ritualista, uma sessão de *voodoo* de proveniência geográfica incerta e difusa, feita de uma feliz conjugação do digital e do profundamente orgânico.

A percussão, simples e de insistência quase febril, os sopros que surgem num contexto inesperado e que transportam a música para uma dimensão *dub* alienígena, o aparato cénico, a dimensão transcendentalista que imprimem às suas atuações e que, por exemplo, os levou já a agarrar e a surpreender uma sala cheia após um concerto dos The Fall (no OUT.FEST 2013, no Barreiro) – tudo, nestes HHY & The Macumbas, nos promete um concerto que não deixa nunca intacta qualquer expectativa que conosco transportemos. [silorumor.bandcamp.com/releases](http://silorumor.bandcamp.com/releases)

### Tren Go! Soundsystem

Guitarra elétrica Pedro Pestana  
Projeções Slide Jane

Há mais de meia década que o portuense Pedro Pestana vem provando, enquanto Tren Go



Soundsystem, as contínuas possibilidades infinitas de uma guitarra. Não falamos das potencialidades de expressão próprias do instrumento, ou de uma linguagem especificamente “guitarrística” mas sobretudo da capacidade de, a partir destas seis cordas, às quais tantas vezes tudo parece já ter sido espremido e descoberto, criar canções de orquestração completa – com percussão propulsiva, com texturas e camadas sónicas repletas de *fuzz* e de neblina psicadélica, com linhas de baixo serpenteantes e, sobretudo, com princípio, com fim, e com um meio que, a partir da evidente paixão pelos *blues*, é feito de infinitas digressões cromáticas. [www.facebook.com/Tren-Go-Sound-System-162877110402856](http://www.facebook.com/Tren-Go-Sound-System-162877110402856)

### Gala Drop

Bateria Afonso Simões  
Sintetizadores Nelson Gomes  
Voz e congas Jerrald James  
Baixo Rui Dâmaso Guitarra elétrica Guilherme Canhão

Poucas bandas, a nível nacional e – arriscamos – internacional, conseguem criar um percurso, já com uma década, feito de tanta e tão constante reinven-

ção (os Animal Collective vêm à cabeça como um exemplo). Os lisboetas Gala Drop, nos quais Nelson Gomes permanece como figura tutelar desde o início, já foram um duo de explorações quase-ambient, um trio de explorações ritualísticas com forte ênfase percussivo, que acabou por dar origem ao seu primeiro e celebrado disco homónimo (2008); já ensaiaram um EP (*Overcoat Heat*, de 2010), que é dos mais originais exercícios elaborados a partir de uma linguagem (chamemos-lhe *post rock*) que, à data, parecia e continua a parecer ter pouco de novo para oferecer; já lançaram um EP colaborativo (já enquanto quinteto) com o



incrível guitarrista norte-americano Ben Chasny (*Broda*, de 2012), até que desaguaram na maravilhosa viagem que é *II*, o seu segundo longa-duração, de 2014, plenamente firmes e convictos enquanto banda de canções, sim, canções, finalmente deixando certo para o mundo que o ritmo, ele mesmo, sempre espreitou, desde o início, como força propulsiva do projeto, como elemento de construção de explorações inefáveis de experimentalismo sob múltiplos prismas, dos quais o elemento quase-pop, que agora ouvimos guiado pela carismática voz do norte-americano

Jerry The Cat, parece ser um culminar lógico mas nunca previsto por aqueles que tiveram o privilégio de acompanhar esta década de evolução e constante mudança.

Os Gala Drop, hoje dos verdadeiros pontas-de-lança da mais aventureira e conseguida música a ser feita em Portugal, encerram o Rescaldo num momento ímpar do seu percurso, num concerto absolutamente imperdível.

[galadrop.bandcamp.com](http://galadrop.bandcamp.com)

# Slow is Possible

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



TER 1 DE MARÇO

Pequeno Auditório  
21h30 · Duração: 1h  
5€ (preço único)

M6

**Violoncelo** André Pontífice **Saxofone** Bruno Figueira  
**Bateria** Duarte Fonseca **Guitarra** João Clemente  
**Piano** Nuno Santos Dias **Clarinete** Patrick Ferreira  
**Contrabaixo** Ricardo Sousa

São a nova grande surpresa do jazz, num país que tem tido algumas nos últimos anos, como as revelações de Hugo Carvalhais, de Marco Barroso com o LUME, de João Guimarães com Zero e Fail Better! ou do Ensemble Super Moderne e do Coreto. No caso dos Slow is Possible por maior força de razão: os sete jovens músicos que o constituem não cresceram nos meios do jazz: a sua formação é clássica. E fizeram-no longe dos grandes centros deste género musical, Lisboa e Porto. Habitando em várias cidades do interior português, foi na Covilhã, devido aos seus estudos na Universidade da Beira Interior, que se conheceram. Ou seja, não têm nenhum dos tiques e dos truques habituais no jazz: o que tocam é tão fresco quanto uma alface acabada de colher.

O jazz que praticam revela influências eruditas, como não podia deixar de ser, mas também do rock e das músicas exploratórias, dando um relevo à melodia e ao ritmo que o torna particularmente acessível. O trabalho harmónico desenvolvido pelo grupo pode ser complexo, como estranhas serão a um ouvido não treinado algumas situações sonoras que explora, mas os seus temas entram facilmente no ouvido e ficam lá. Muito devido ao carácter cinematográfico das composições, fruto de um especial interesse pelo cinema experimental e por realizadores como Myra Deren e David Lynch. Uma referência estará nos *filmworks* de John Zorn, mas não se torna especialmente determinante.

A instrumentação do septeto é bastante invulgar. São três os instrumentos melódicos, um saxofone alto, um clarinete (com e sem efeitos eletrónicos) e um violoncelo. A secção rítmica compreende dois instrumentos harmónicos, guitarra (também com funções de introdução de ruído elétrico) e piano, associados aos jazzisticamente convencionais contrabaixo e bateria. Esta combinação de timbres dá à música produzida uma dimensão de câmara que é minuciosamente aproveitada. Slow is Possible é a música de câmara que toca quem ouviu Charles Mingus, John Coltrane, Mr. Bungle e Keiji Haino e resulta tão bom quanto o melhor que se poderia desejar.

Slow is Possible are the next big surprise in Portuguese jazz music: seven young musicians trained in classical music. Freed from the customary habits and tricks of jazz, their sound is a fresh one, inevitably revealing erudite influences, but also rock and exploratory music, concentrating on melody and rhythm. Their music easily enters your ear and stays there. Slow is Possible is chamber music played by people who have listened to Charles Mingus, John Coltrane, Mr. Bungle and Keiji Haino.

# The Gloaming



© Hugh Chaloner

SEX 4 DE MARÇO

Grande Auditório  
21h30 · Duração: 1h30  
20€ · Jovens até aos 30 anos  
e desempregados: 5€

M6

Violino Martín Hayes Voz Iarla Ó Lionáird  
Hardanger d'Amore Caoimhín Ó Raghallaigh  
Guitarra Dennis Cahill Piano Thomas Bartlett

The Gloaming é uma banda de músicos virtuosos, com carreiras pessoais de sucesso, que interpreta a música tradicional irlandesa de uma forma nova respeitando com grande fidelidade as suas origens. Às velhas canções emprestam poemas da história da literatura irlandesa. Ao ritmo frenético com que usualmente se toca a música gaélica, substituem um tempo mais lento que faz sobressair toda a beleza e profundidade musical dos temas. Com um enorme sucesso por todo o lado onde atuam, o seu primeiro concerto estava esgotado antes mesmo de o grupo ter começado a ensaiar. Em 2014 lançaram o seu único álbum, recolhendo dezenas de críticas entusiásticas e vários prémios. O CD é maravilhoso. A música que fazem é maravilhosa.

Hayes é um famosíssimo tocador de violino tradicional irlandês, várias vezes campeão no seu país e um dos mais respeitados intérpretes da música *folk* gaélica. A ele juntou o guitarrista americano de ascendência irlandesa Cahill, com quem colabora desde há muitos anos, Ó Lionáird, um mestre no canto *sean-nós* (“à maneira antiga”), Ó Raghallaigh, que toca *hardanger*, o violino tradicional norueguês que se distingue por ter cordas dobradas permitindo um som mais intenso e variado do que o *fiddle* irlandês, e o pianista americano Bartlett, entusiástico admirador de Hayes desde muito pequeno.

A Culturgest continua a revelar grandes artistas da “música do mundo”. Garantimos um concerto fabuloso.

O Teatro Viriato de Viseu, nosso parceiro amigo em vários projetos, associou-se a esta apresentação e os The Gloaming tocam ali um dia depois de virem a Lisboa.

The Gloaming are a highly successful band of virtuoso musicians, each with their own solo career, playing traditional Irish music in a fresh and exciting way. They embellish old songs with poems from the history of Irish Literature, replacing the usual frenzied rhythm with a slower tempo that enhances all the depth and beauty of the music. In 2014, they released their only CD to date, receiving critical acclaim and winning various awards. The Gloaming will be performing at Teatro Viriato de Viseu one day after coming to Lisbon. Culturgest continues to offer you high-quality “world music”.

<http://thegloaming.net>



# Nos bastidores da Culturgest

Visitas para cegos e amblíopes



© Mana

SÁB 5 DE MARÇO

**Grande Auditório**  
15h e 17h30 · Duração: 1h  
5€ · Jovens até aos 30 anos,  
desempregados, maiores  
de 65 anos ou sócios da  
ACAPO: 2,50€

**Lotação: 8 participantes**  
Sujeito a marcação prévia  
[culturgest.bilheteira@cgd.pt](mailto:culturgest.bilheteira@cgd.pt)

Nos bastidores da Culturgest existe um mundo mágico e desconhecido. Para a montagem dos espetáculos são necessárias semanas de preparação, o envolvimento de muitos profissionais e uma logística complexa. Tudo se passa em espaços a que o público normalmente não tem acesso e usando equipamentos sofisticados.

Num percurso especialmente pensado para a perceção pela audição, tato, olfato e temperatura, irá descobrir o fosso de orquestra, os camarins, como se fazem as mudanças de cenário e os efeitos de luz e som.

Sob a orientação dos técnicos que diariamente trabalham nestes espaços vamos saber como tudo funciona e escutar as suas histórias.

Behind the scenes at Culturgest, there is a magical and unknown world. Putting on a show takes weeks of preparation, involving many professionals and complex logistics. Everything takes place in areas to which the public do not normally have access, with the use of sophisticated equipment. This visit, guided by the technicians who work in these spaces every day, is based on hearing, touch, smell and temperature, allowing you to discover the orchestra pit and dressing rooms, and to understand how the scenery is changed and how lighting and sound effects are produced.



# O Medo e a Coragem



© ZANA

SÁB 5, DOM 6  
DE MARÇO

Sala 3  
10h30, 16h · Duração: 30 min.  
3,50€ (preço único)  
Lotação: 30 participantes

M3

**Criação** Nuno Figueira, Sara Barros Leitão, SÁ  
**Interpretação** Sara Barros Leitão, SÁ  
**Desenho de luz e vídeo** Nuno Figueira **Desenho de som** SÁ  
**Produção** Serviço Educativo da Culturgest

Fecha os olhos e viajas sem te aperceberes. Recontar as histórias que te contam é um desafio. Filhos, pais e avós vivem a mesma experiência sensorial, para recontarem uns aos outros e se recontarem a si próprios. Quando se põe a palavra de lado, entramos noutra universidade. Quando largamos o óbvio, descobrimos que temos outros sentidos. Fechar os olhos e comunicar com o tato, fechar os olhos e cheirar a bolo de iogurte da tua avó.

Abres os olhos e é como se estivesses em tua casa, mas sem nada para te distrair.

Não há certo nem errado, positivo ou negativo. Não há um padrão a cumprir. O que pode estar errado está certo, se não tiveres medo. Terás coragem para enfrentar, dar a volta e ultrapassares-te a ti próprio? Fecha os olhos e viajas sem te aperceberes.

Close your eyes and travel without noticing. Children, parents and grandparents all live the same sensory experience. When we put words to one side, we enter another universe. Relinquishing the obvious, we discover other senses. Closing our eyes and communicating by touch, smelling our grandmother's yoghurt cake.

Open your eyes and it's as if you're at home, but with no distractions.

No right, no wrong, no positive, no negative. No pattern to follow. What's wrong may be right, if you're not afraid. Do you have the courage to go beyond yourself? Close your eyes and travel without noticing.

Informação sobre sessões  
para escolas na pág. 82 deste  
programa.

# Guy de Cointet

SÁBADOS 5 E 19  
DE MARÇO

Pequeno Auditório  
5€ · Bilhete conjunto para as  
duas sessões de 5 de março: 7€  
(preços únicos)

M12

Em inglês, sem legendas

Foi em Los Angeles, onde se radicou em 1966, que Guy de Cointet (1934, Paris – 1983, Los Angeles) produziu uma obra notável, cuja relevância no campo das artes visuais é hoje consensualmente reconhecida. No contexto da sua exposição retrospectiva na Culturgest (ver páginas 68-69), são apresentadas várias das suas peças teatrais, para as quais escreveu os textos e produziu os objetos cénicos. Nelas se manifesta, em todo o seu esplendor, um fascínio pela linguagem e pelos seus usos em contextos tão diferentes como a literatura (Raymond Roussel é uma referência assumida), a televisão e a rádio, ou as conversas quotidianas – um fascínio que também cultivou na sua prolífica e belíssima produção de desenho. Guy de Cointet explorou recorrentemente procedimentos de codificação e abstração da linguagem a partir do cruzamento entre texto, forma e cor. Nas suas peças teatrais, o artista desenvolveu um estilo muito próprio, pleno de artifício e de humor, construindo narrativas em que o familiar, o absurdo e o enigmático se entrelaçam. Este programa inicia-se com algumas das suas primeiras peças teatrais (monólogos para uma atriz) e irá prolongar-se até meados de maio.

It was in Los Angeles, where he had chosen to settle in 1966, that Guy de Cointet (1934, Paris – 1983, Los Angeles) produced a remarkable oeuvre that is now fully recognised as highly relevant in the field of visual arts. In the framework of his retrospective exhibition at Culturgest (see pages 68-69), several of his theatre plays are presented, for which he both wrote the texts and produced scenic objects. These plays reveal in all their splendour his fascination with language and its uses in such different contexts as literature (Raymond Roussel is a clearly acknowledged reference), television and radio, or everyday conversations – a fascination that is also manifest in his prolific and very beautiful production of drawings. Guy de Cointet has recurrently explored different procedures for the encoding and abstraction of language through an interplay between text, form and colour. In his theatre plays, the artist developed his own inimitable style, highly refined and full of humour, telling stories in which the familiar, the absurd and the enigmatic are constantly intertwined. The programme begins with some of his early plays (monologues for one actress) and will continue until mid-May.

5 de março, 18h30

*My Father's Diary*, 1975

Duração: 15 min.

*Two Drawings*, 1974

Duração: 24 min.

5 de março, 20h

*Going to the Market*, 1975

Duração: 8 min.

*At Sunrise a Cry was Heard  
(or) The Halved Painting*, 1974

Duração: 25 min.

19 de março, 21h30

*De Toutes les Couleurs*, 1981

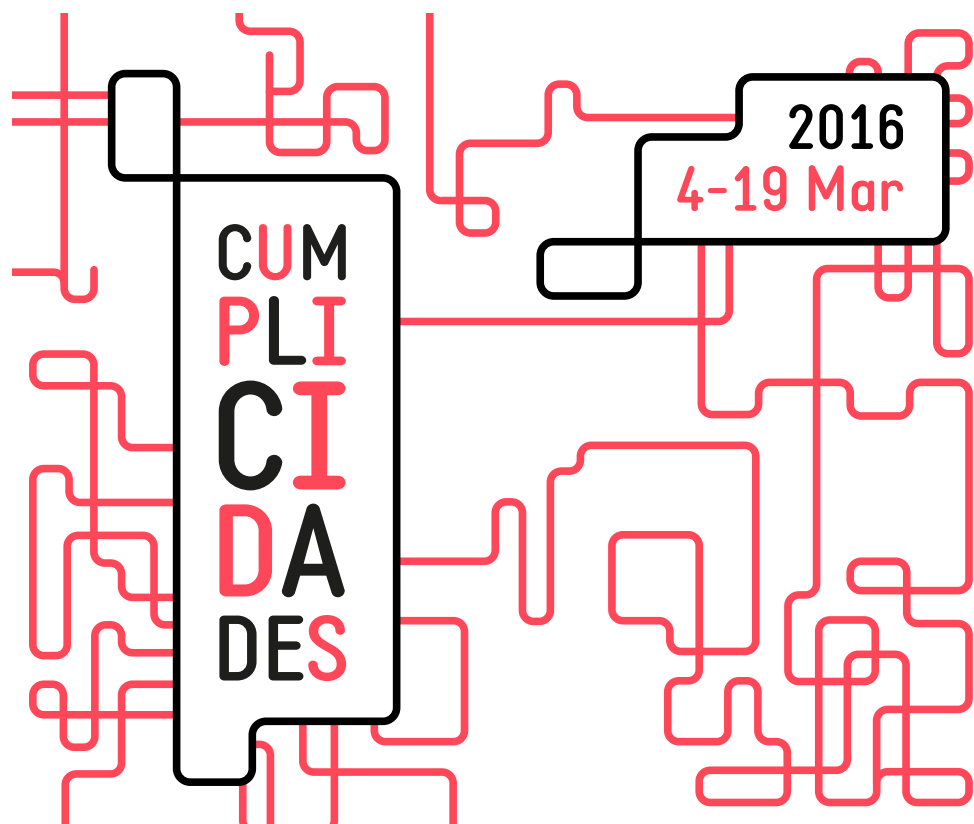
Duração: 40 min.



*At Sunrise a Cry was Heard (or) The Halved Painting*, 1974 · Biltmore Hotel, Los Angeles, 1976 · Atriz: Mary Ann Duganne Glicksman  
© Fotografia: Manuel Fuentes · Cortesia: Estate of Guy de Cointet e Air de Paris, Paris

# Cumplicidades

Festival Internacional  
de Dança Contemporânea de Lisboa



DE SEG 7 A SEX 11  
DE MARÇO

A edição de 2016 do Festival Cumplicidades segue uma linha programática focalizada na relação dos coreógrafos com o seu tempo de investigação artística e de criação. A palavra “processos” fornecerá o núcleo temático para desenhar um programa distribuído por espetáculos, *workshops* e palestras: meios através dos quais os autores explicitarão os seus métodos e reflexões, assim como comunicarão os paradigmas ou bases teóricas que fundamentam a sua linha de trabalho.

É uma proposta que se configurou a partir dos encontros e dos diálogos entre pares resultantes da edição zero. Deste modo, embora o Cumplicidades apresente objetos estéticos finalizados na sua proposta de comunicação com as audiências, a nossa preocupação é enquadrá-los na sua singularidade processual. Simultaneamente, o pensamento em torno da dança contemporânea terá um tempo mais alargado já que os momentos de debate público traduzirão as conversas levadas anteriormente a cabo entre criadores e investigadores ao longo da semana.

Trata-se de promover um lugar de partilha entre coreógrafos e de divulgar propostas contemporâneas de âmbito experimental e para as quais existem públicos, conforme verificámos pelo êxito que a edição zero alcançou. Creemos que a edição de 2016 continuará a ligar os artistas e a cidade de Lisboa. Ezequiel Santos

The 2016 Cumplicidades Festival focuses on the relationship between choreographers and their time. The word “processes” is the core theme in this programme of shows, workshops and lectures, enabling authors to explain the methods and theory behind their work. Cumplicidades presents finalised aesthetic objects, but our main concern is to fit these into their singular processes, listening to creators and researchers discussing their particular *métiers*, while also disseminating more experimental contemporary proposals, for which there definitely exist audiences, as proved by last year’s festival.

**Workshop “Práticas de Libertação” com Joana Von Mayer Trindade**

**Seg 7, ter 8 de março  
Das 15h às 18h · Sala 5**

Será dada neste *workshop* uma importância central ao lado mais negro da demonização do outro e da sua exclusão: o anjo de uns torna-se o diabo, ou demoníaco dos outros, da cultura que vem a seguir e que oprime, promovendo uma reflexão sobre a colonização sucessiva dos anjos de outros povos, que passam a ser os nossos demónios, nomeadamente os da Diáspora Africana, que nos tocam particularmente.  
JvMT & HCC

Público-alvo: estudantes (artes e outras áreas que demonstrem interesse em participar) e profissionais das artes.

**Workshop “Transmissão de Performance” com Vânia Rovisco**

**Seg 7 a sex 11 de março  
Das 15h às 19h · Sala 6**

Este *workshop* servirá para transmitir a *performance* que a intérprete irá apresentar no âmbito do Cumplicidades com o intuito de que os participantes integrem também o espetáculo.

Público-alvo: estudantes (artes e outras áreas que demonstrem interesse em participar) e profissionais das artes.

**Palestra com Rafael Alvarez integrada no ciclo de palestras “O Meu Processo”**

**Qui 10 de março · 18h  
Sala 2 · Entrada gratuita**

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

No ciclo de palestras, pretendemos dar ao público a oportunidade de participar em conversas onde são partilhadas visões e experiências sobre teorias e processos criativos postos em prática pelos artistas nos mais diversos trabalhos. Esta conversa está a cargo de Rafael Alvarez, *performer*, coreógrafo e figurinista, que desde 1997 desenvolve projetos nas áreas da dança contemporânea, *performance* e dança inclusiva.

Inscrições para os *workshops*:  
geral@festivalcumplicidades.pt  
Mais informações:  
www.festivalcumplicidades.pt

# Delirar a Anatomia

de Ana Rita Teodoro



© Laurent Friquet

SEX 11, SÁB 12  
DE MARÇO

Palco do Grande Auditório  
21h30 · Duração aprox. 1h  
12€ · Jovens até aos 30 anos  
e desempregados: 5€

M16

Na sexta-feira 11, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

**Conceção e coreografia** Ana Rita Teodoro **Interpretação** Katerina Andreou e Ana Rita Teodoro **Partituras dançadas** *Orifice Paradis, Sonho D'Intestino* **Desenho de luz** José Álvaro Correia **Produção** Associação Parasita, CNDC Angers **Residências artísticas** CNDC (Centre National de Danse Contemporaine d'Angers), La Métive (Creuse), CND (Centre National Danse, Pantin), Companhia Olga Roriz (Lisboa), Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo)

*Delirar a Anatomia* é uma coleção de estudos febris dedicados a uma parte do corpo, desenvolvidos em camadas de leitura, observação, experiência, escrita e composição coreográfica. Procura desvendar os segredos escondidos na constituição física e assim rever funções destinadas e relações estabelecidas. A Anatomia é a disciplina que nomeia as partes do todo, segmenta e estabiliza. O delírio acontece nas ações de isolar, sobrepor ou multiplicar as funções de uma parte nomeada. Esta entra em crise, revela a sua autonomia e renova relações. Deste modo, compõem-se coreografias do sensível onde a palavra-interior é a entrada privilegiada para uma outra-anatomia. As coreografias foram desenvolvidas em paralelo com a escrita de partituras-poemas que servem de monólogo interior para o bailarino. Na ocasião da apresentação na Culturgest, duas bailarinas interpretam as mesmas partituras-poemas. A questão do semelhante não é importante, interessa é ter em perspetiva que qualquer um pode dançar esta anatomia delirante, porque ela se escreveu.

Ana Rita Teodoro é Mestre pelo CNDC de Angers e Universidade Paris 8. O *butoh* de Tatsumi Hijikata tem sido uma das grandes áreas do seu investimento criativo. Recebeu bolsa de aperfeiçoamento artístico da Fundação Calouste Gulbenkian para em 2015 voltar ao Japão, e do CND para desenvolver uma investigação sobre a pedagogia do *butoh*. Estudou o corpo através das disciplinas de anatomia, paleontologia e filosofia na c.e.m. com Sofia Neuparth e o *chi kung* na Escola de Medicina Tradicional Chinesa de Lisboa. Criou as peças *MelTe, Orifice Paradis, Rêve d'Intestin, Assombro (Fantôme Méchant)*.

*Delirar a Anatomia* is a series of feverish studies dedicated to a body part, which are developed in layers of reading, observation, experience, writing and choreography, and are designed to reveal the secrets hidden in the physical constitution. Anatomy names the parts of the whole, segments and stabilises; delirium arises when a named part is isolated and its functions multiplied. It enters into crisis, reveals its autonomy and renews relationships. Choreographies have been composed for another anatomy, developed in parallel with written scores, which serve as an interior monologue for the dancers.



# Eric Revis Trio

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



© Emra Islek

TER 15 DE MARÇO

Pequeno Auditório  
21h30 · Duração: 1h  
5€ (preço único)

M6

Contrabaixo Eric Revis Piano Kris Davis Bateria John Betsch

Eric Revis é reconhecido, acima de tudo, como um contrabaixista de estilo único, com um som de madeira enorme, espesso e que consegue ser tão melódico quanto percussivo, *swingando* sempre, seja qual for o contexto. E este são vários, pois o músico norte-americano percorre com igual desenvoltura os circuitos do *mainstream* e da vanguarda. A sua personalidade manteve-se sempre, fosse com Betty Carter, Lionel Hampton e McCoy Tyner ou com Peter Brotzmann, Steve Coleman e Branford Marsalis. Mas é também um compositor de créditos firmados e um líder com conceitos e critérios bem definidos. O seu trio revela-o bem. Ou os seus trios: aquele que reuniu um veterano do *free*, Andrew Cyrille, e um valor emergente, mas já amplamente aceite, do “novo jazz”, Kris Davis, e a nova versão que agora junta esta a John Betsch, outro baterista consagrado.

A música proposta pelo grupo é afirmativa na sua identidade e clara na coesão conseguida, mas denota a variedade de interesses e influências de Revis e dos seus pares. Fica mesmo explicado que no alinhamento dos temas – não variando este muito do novo álbum com selo Clean Feed a apresentar neste concerto, e do anterior *City of Asylum*, ainda com Cyrille – se repesquem partituras de autores tão apartados no tempo como na estética, como Thelonious Monk e Keith Jarrett. *Groove*, subtileza e energia coexistem como é raro acontecer, não deixando ninguém indiferente.

American double-bass player Eric Revis has a unique style, with a thick wooden sound that is simultaneously melodic and percussive, always swinging whatever the context – mainstream or avant-garde. He is also a highly regarded composer with clearly defined concepts and criteria, as all his trios have shown. Here, he will be performing with Kris Davis and John Betsch, playing affirmative and clearly cohesive music that denotes the trio’s range of interests and influences, reviving scores by such aesthetically different composers as Thelonious Monk and Keith Jarrett. Hard to remain indifferent.





# Projecto Teatral

nenhuma entrada entrem



vazio do teatro, 2009

ATÉ DOM 10 DE JANEIRO

Curadoria Projecto Teatral

Galeria 1  
Entrada gratuita

Projecto Teatral é o nome de um coletivo, em atividade desde 1994, com uma composição que foi variando em diferentes fases do seu percurso, e que atualmente congrega João Rodrigues, Maria Duarte, Helena Tavares, André Maranhã e Gonçalo Ferreira de Almeida. As sucessivas propostas deste coletivo vão dando corpo a um pensamento acerca da condição do teatro, dos seus fundamentos. Elas dispensam, ou põem em questão, as convenções teatrais; nessa medida, desafiam os hábitos e as expectativas que lhes estão associados. Muitos dos trabalhos do Projecto Teatral passam pela ausência de elementos tradicionalmente entendidos como constituintes do teatro: ausência do ator, ausência da voz, ausência do texto (*vazio do teatro* é justamente o título de uma peça, de 2009, agora reapresentada na Culturgest). A este processo de desfamiliarização corresponde um movimento de desterritorialização – o grupo trabalha frequentemente em espaços não destinados à representação e ao acontecimento ditos teatrais. Esta exposição conjuga seis peças produzidas nos últimos quinze anos: *imaginação morta imaginem* (2001), *Bouvard e Pécuchet* (2004), *vazio do teatro* (2009), *ostra* (2010), *dom* (2012), *moinho* (2013). Um mergulho em profundidade no trabalho do Projecto Teatral proporcionado pela colaboração simbiótica entre o Teatro Maria Matos e a Culturgest.  
Miguel Wandschneider

Projecto Teatral is the name of a collective that has been in activity since 1994 and currently consists of João Rodrigues, Maria Duarte, Helena Tavares, André Maranhã and Gonçalo Ferreira de Almeida. Their successive proposals have embodied a way of thinking about the condition of the theatre, its premises and foundations. They dispense with (or call into question) theatrical conventions, challenging the habits and expectations normally associated with these. Many of their works involve the absence of elements that are traditionally understood as constituent parts of the theatre: absence of actors, absence of voices, absence of a text. This process of defamiliarisation is matched by a movement of deterritorialisation: the group frequently works in spaces that are not designed for so-called theatrical representations and events. This exhibition brings together six works produced over the last fifteen years. A chance to plunge deep into the work of Projecto Teatral, provided by the symbiotic collaboration between Teatro Maria Matos and Culturgest.

**dom, 2012**  
1.º Ato: domingos, 3 e 10 de janeiro, 16h, lotação 20 pessoas

**Visita guiada com Miguel Wandschneider**  
Sábado, 9 de janeiro, 17h

Uma colaboração Culturgest e Teatro Maria Matos  
[www.projectoteatral.pt](http://www.projectoteatral.pt)

# Von Calhau!

oximoroboro



doisois, 2015

ATÉ DOM 10 DE JANEIRO

Curadoria Miguel Wandschneider

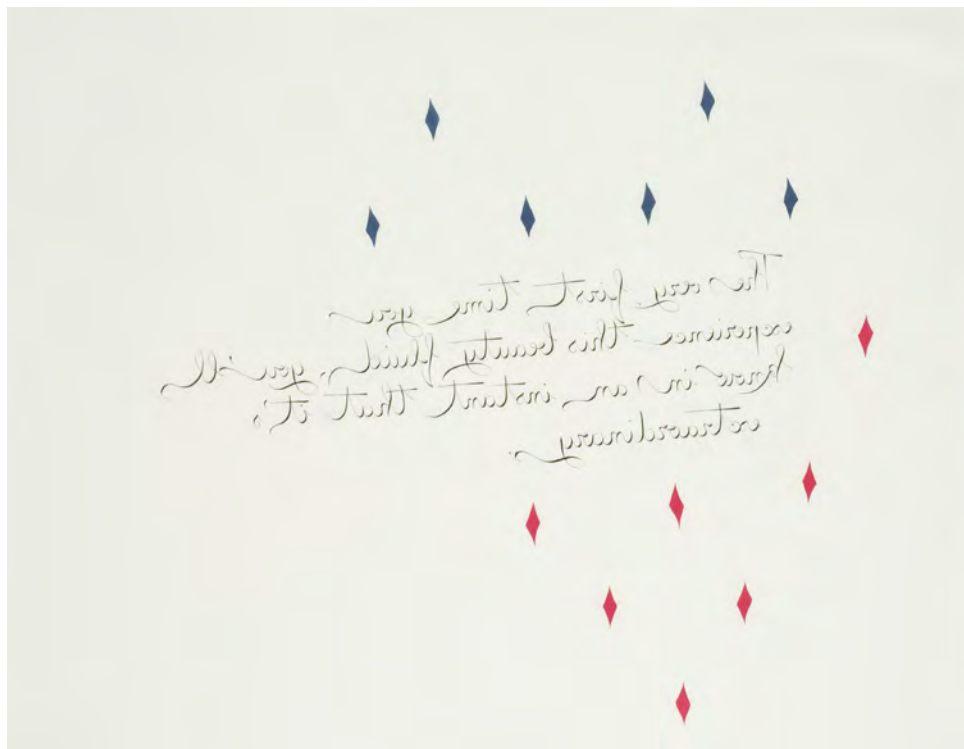
Galeria 2  
Entrada gratuita

Von Calhau! é o nome de uma dupla de artistas, Marta Ângela e João Alves, que, desde 2006, tem vindo a desenvolver um fecundo trabalho de colaboração nas áreas da música e das artes visuais, com múltiplas ramificações e cruzamentos vários, que se vai manifestando em concertos e *performances*, na edição de discos, na realização de filmes e vídeos, numa profusa produção de desenhos e obra gráfica, ou em publicações. Com recurso a esses diferentes meios, e explorando constantemente a miscigenação de referências e elementos das mais diferentes extrações, os Von Calhau! têm vindo a construir um imaginário e uma cosmogonia muito próprios, esotéricos e sincréticos, a partir dos quais interrogam a nossa condição no mundo, ao mesmo tempo que averiguam o sentido da colaboração inerente a tudo aquilo que fazem.

Von Calhau! is the name of an artistic duo, Marta Ângela and João Alves, who have been developing a fertile work of collaboration in the areas of music and visual arts, since 2006, with multiple ramifications and various crossovers. This has resulted in concerts and performances, records, films and videos, and the profuse production of drawings and graphic work, as well as publications. Making use of these different media, and constantly exploring the mixture of references and elements drawn from a wide variety of different sources, Von Calhau! have built up their very own esoteric and syncretic imaginary and cosmogony, through which they question our condition in the world, while, at the same time, examining the meaning of the collaboration that is inherent in everything they do.

[www.einsteinvoncalhau.com](http://www.einsteinvoncalhau.com)

# Guy de Cointet



*The very first time you experience this beauty fluid...*, ca. 1983 · Fotografia: Marc Domage · Cortesia: Air de Paris, Paris

DE 20 DE FEVEREIRO  
A 15 DE MAIO

Inauguração: sexta-feira,  
19 de fevereiro, 22h

Galeria 1  
2€ · Entrada gratuita  
aos domingos

Curadoria Eva Wittcox e Miguel Wandschneider

Foi em Los Angeles, onde se radicou em 1966, que Guy de Cointet (Paris, 1934 – Los Angeles, 1983) desenvolveu a obra extraordinária pela qual é hoje consensualmente reconhecido no mundo da arte. O seu trabalho – uma profusa produção de desenhos, um extenso conjunto de peças teatrais e vários livros publicados na época – radica num fascínio pela linguagem e pelos seus usos em contextos tão diferentes como a literatura, a televisão e a rádio, ou as conversas quotidianas. Guy de Cointet explorou recorrentemente diferentes procedimentos de codificação e abstração da linguagem a partir do cruzamento entre texto, forma e cor. Tanto os desenhos como as peças teatrais cativam o espectador pela elegância formal e pelo sentido de humor, ao mesmo tempo que suscitam uma inefável estranheza. O familiar e o enigmático surgem constantemente entrelaçados. Ao longo da década de 1970 e até à sua morte em 1983, o trabalho de Guy de Cointet despertou grande interesse e admiração em círculos restritos do mundo da arte. Tendo caído no esquecimento após a morte do artista, o seu trabalho foi redescoberto e revalorizado nos últimos dez anos, tornando-se referência maior no campo das artes visuais e fonte de inspiração para um número crescente de artistas.

Esta exposição é acompanhada, no Pequeno Auditório, pela apresentação de várias peças teatrais (ver páginas 54-55).

It was in Los Angeles, where he had chosen to settle in 1966, that Guy de Cointet (1934, Paris – 1983, Los Angeles) developed the extraordinary work for which he is recognised today in the art world. Whether in the form of a drawing, a book or a theatre play, his work is rooted in his fascination with language and its uses in such different contexts as literature, television and radio, or everyday conversations. Guy de Cointet has recurrently explored different procedures for the encoding and abstraction of language through an interplay between text, form and colour. Both the drawings and the theatre plays captivate the spectator through their formal elegance and sense of humour, while, at the same time, arousing an indefinable feeling of strangeness. The familiar and the enigmatic are constantly intertwined. The work of Guy de Cointet has been rediscovered and reassessed in the last ten years to become a major reference in the field of visual arts and a source of inspiration for a growing number of artists. This exhibition is accompanied by the presentation of several plays in the small auditorium (see pages 54-55).

This exhibition is a co-production with M – Museum Leuven, with the collaboration of the Estate of Guy de Cointet and Air de Paris, Paris.

Exposição coproduzida  
com M – Museum Leuven,  
em colaboração com o Estate  
of Guy de Cointet e Air de  
Paris, Paris.

Visita guiada por  
**Miguel Wandschneider**  
Sábados, 27 de fevereiro,  
26 de março e 30 de abril, 17h

Consulte as atividades do  
Serviço Educativo em torno  
da exposição na pág. 83  
deste programa.

# Ana Jotta

Cassandra



Esperança, n.d. · Fotografia: Laura Castro Caldas

**CULTURGEST PORTO**  
DE 16 DE JANEIRO  
A 19 DE MARÇO

**Inauguração: sexta-feira,**  
15 de janeiro, 22h

**Entrada gratuita**

Curadoria Miguel Wandschneider

Em 2014, a Culturgest apresentou, na Galeria de Lisboa, uma exposição de Ana Jotta (1946, Lisboa), intitulada *A Conclusão da Precedente*, que incidiu sobre o trabalho por ela realizado desde a sua retrospectiva no Museu de Serralves, no Porto, em 2005. A abordagem então adotada era eminentemente fragmentária, não sistemática, desconsiderando quer o critério de organização cronológica, quer o princípio de reconstituição das sucessivas séries de obras através das quais a sua prática artística se fora processando ao longo do período abarcado. No âmago dessa exposição estava aquilo a que a artista chama “notas de rodapé”, uma parafernália de materiais impressos e de objetos por ela reunidos ao longo dos anos e que participam, de diferentes modos, mas sempre com uma função generativa, no seu processo criativo. O livro editado no contexto dessa exposição reuniu muitos desses materiais impressos, e foi esse livro que, inesperadamente, deu origem a esta nova exposição. O livro transmutou-se numa outra obra, *Cassandra*, um espaço visual e semanticamente saturado que acolhe um conjunto muito heteróclito de peças produzidas pela artista desde a década de 1980. A exposição na Culturgest do Porto torna-se assim caixa-de-ressonância da obra radicalmente polimorfa de Ana Jotta.

In 2014, Culturgest presented an exhibition of Ana Jotta (1946, Lisbon), entitled *The Conclusion of the Precedent*, which focused on the work she had produced since her retrospective at the Serralves Museum, in Porto, in 2005. The approach adopted at that time was decidedly fragmentary and unsystematic, dismissing either the criterion of chronological organisation or the principle of reconstituting the successive series of works through which her artistic practice had materialised during the period covered by the exhibition. Lying at the core of this exhibition was what the artist calls “footnotes”, a paraphernalia of objects and printed matter that she has gathered together over the years and which, in different ways, but always with a generative role, play an important part in her creative process. The book published within the context of that exhibition, which brought together much of that printed matter, has unexpectedly given rise to this new exhibition. The book itself has been transfigured into another work (*Cassandra*), a visual and semantically saturated space that houses a number of highly eclectic pieces produced by the artist since the 1980s. The exhibition at Culturgest in Porto thus functions as a sound box for Ana Jotta’s radically polymorphic work.

**Conversa com Ana Jotta**  
Sábado, 16 de janeiro, 17h





## Crianças

RECR(A)RIE Pá. 77  
Epicentro Pá. 78  
Lá Fora... Pá. 81  
O Medo e a Coragem Pá. 82  
Guy de Cointet – Exposição Pá. 83  
Férias da Páscoa na Culturgest Pá. 85  
Celebra o teu dia de anos com arte Pá. 87

## Adultos e jovens

Sem título (por enquanto): programa de jovens Pá. 76  
Guy de Cointet – Exposição Pá. 83  
Aulas e oficinas de arte contemporânea... Pá. 86

## Famílias

RECR(A)RIE Pá. 77  
Epicentro Pá. 78  
Lá Fora... Pá. 81  
O Medo e a Coragem Pá. 82

## Professores e educadores

RECR(A)RIE Pá. 77  
Sentido da Imagem em Movimento Pá. 80

## Mediadores culturais e educadores em museus

RECR(A)RIE Pá. 77  
Sentido da Imagem em Movimento Pá. 80  
Perfil e motivações dos públicos seniores Pá. 84

## Grupos escolares

RECR(A)RIE Pá. 77  
Epicentro Pá. 78  
Plano Nacional de Cinema Pá. 79  
Sentido da Imagem em Movimento Pá. 80  
O Medo e a Coragem Pá. 82  
Guy de Cointet – Exposição Pá. 83



# Sem título (por enquanto): programa de jovens

## ENCONTROS

**Destinatários:**  
jovens dos 17 aos 21 anos

**Duração:** 2h30  
**Programa gratuito**

**Calendário das sessões  
a combinar entre os  
selecionados**

**Ponto de encontro:**  
bilheteira da Culturgest

Inscrições até 27 de janeiro

Programa destinado exclusivamente a jovens, das mais variadas áreas científicas e artísticas, socialmente ativos, com um ou mais interesses em comum, com conhecimentos para partilhar e vontade de aprender de forma livre, não remunerada, num projeto de continuidade e que requer sentido de compromisso.

Oferecemos:

- Conversas e formações semanais com membros da equipa e outros artistas;
- Oportunidade de conhecer os bastidores de algumas atividades e espetáculos;
- Espaço para a promoção da discussão em torno de diferentes temas da atualidade artística;
- Acesso gratuito a algumas atividades do Serviço Educativo.

Para mais informações sobre como te candidatares:  
[www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)



© Mana

# RECRIA(R)TE

## OFICINAS

**Destinatários:**  
famílias, professores  
e escolas (maiores de 3 anos)

**Famílias e professores:**  
**Duração:** 3h · 3,50€

**Escolas:**  
**Marcação prévia**  
**Duração:** 2h · 2,50€ (gratuito  
para acompanhantes)

**Salas 3 e 4**  
**Lotação: 60 participantes**  
(exceto dias 5 e 12 de março:  
lotação 30 participantes)

**Reservas**  
Famílias: 21 790 51 55  
Escolas e professores:  
21 761 90 78

**Conceção** Patrícia Freire **Orientação** Patrícia Freire e convidados

Nestas oficinas vamos refletir sobre o que nos rodeia e nos contamina, germinar pequenos momentos do quotidiano com os grandes temas de arte contemporânea e ver crescer as grandes espécies que crescem nesta estufa criativa.

O som que paira ao nosso redor serve de suporte na criação artística? Que impacto têm as ações de improviso na obra de arte? Que tonalidades podemos recriar com os objetos que usamos todos os dias? Um momento para olhar com perspicácia de artista e ver crescer arte em pequenos nadas.

### Recria(r)te com o Consumo

**Escolas:** Sex 8 e seg 11 de janeiro  
**Professores:** Sáb 9 de janeiro, 10h  
**Famílias:** Sáb 9 de janeiro, 14h30

### Recria(r)te com a Imagem

**Escolas:** Seg 15 e ter 16 de fevereiro  
**Professores:** Sáb 13 de fevereiro, 10h  
**Famílias:** Sáb 13 de fevereiro, 14h30

### Recria(r)te com o Lugar

**Escolas:** Seg 7 e ter 8 de março  
**Professores:** Sáb 5 e 12 de março, 10h  
**Famílias:** Sáb 5 e 12 de março, 14h30

Continua no próximo trimestre.



© Mana

# Epicentro – Oficinas para pais e bebés

## OFICINAS INSTALAÇÃO

**Destinatários:**  
famílias e creches (crianças  
dos 6 meses até aos 3 anos)

**Famílias:**  
3,50€  
Lotação: 25 participantes

**Creches:**  
Marcação prévia  
2,50€ (gratuito para  
acompanhantes)  
Lotação: 1 turma

**Sala 3**  
Duração aprox. 1h

**Reservas**  
Famílias: 21 790 51 55  
Creches: 21 761 90 78

**Criação e conceção** Nuno Figueira e Susana Alves  
**Produção** Serviço Educativo da Culturgest

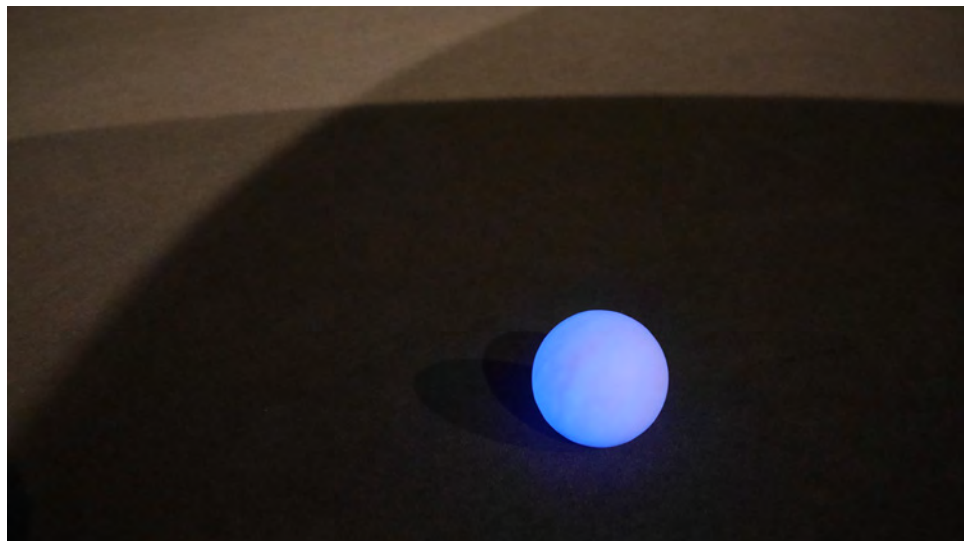
Desejámos apresentar o mundo das artes aos mais novos. Para tal, decidimos criar uma série de instalações ou ambientes de luz, som, imagem e nos quais temos também a presença e a interação dos artistas. Para que os novos no mundo possam ser os novos na arte, sentimos vontade de lhes apresentar as nossas artes (ainda enquanto são novas) e como as vemos e queremos partilhar.

Neste conjunto de propostas mensais, não pretendemos esgotar o mundo das artes, nem superar o mundo da educação, mas antes ensaiar uma alternativa de mundo, uma que só as artes possam propor e que, em igualdade de disponibilidade, só a primeira infância possa abraçar.

**Famílias:**  
Sáb 16 e dom 17 de janeiro; sáb 27 e dom 28 de fevereiro;  
sáb 12 e dom 13 de março • 10h30 e 16h

**Creches:**  
Qui 14 e sex 15 de janeiro; qui 25 e sex 26 de fevereiro;  
qui 10 e sex 11 de março

Continua no próximo trimestre.



© Mana

# Plano Nacional de Cinema

## CINEMA

**Destinatários:**  
grupos organizados  
(do 1.º ciclo ao ensino  
secundário)

**10h**  
**Entrada gratuita**  
Reserva prévia obrigatória  
Exclusivo para escolas

**Reservas**  
21 761 90 78

O Plano Nacional de Cinema (PNC) – designação em vigor durante o XX Governo – é uma iniciativa conjunta da Presidência do Conselho de Ministros, através do Gabinete do Secretário de Estado da Cultura, e do Ministério da Educação e Ciência, pelo Gabinete do Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, e operacionalizado pela Direção-Geral da Educação (DGE), pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) e pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema (CP-MC).

O Plano Nacional de Cinema (PNC) está concebido como um plano de literacia para o cinema e de divulgação de obras cinematográficas nacionais junto do público escolar e pretende formar públicos escolares, despertando nos jovens o hábito de ver cinema, bem como valorizá-lo enquanto arte junto das comunidades educativas.

**Ter 19 de janeiro · Grande Auditório**  
3.º ciclo e ensino secundário

*Estória do Gato e da Lua*, de Pedro Serrazina  
*Rafa*, de João Salaviza  
*Com Quase Nada*, de Margarida Cardoso e Carlos Barroco

**Qua 20 de janeiro · Pequeno Auditório**  
Ensino secundário

*Tabu*, de Miguel Gomes

**Qui 21 de janeiro · Pequeno Auditório**  
1.º e 2.º ciclos

*Estória do Gato e da Lua*, de Pedro Serrazina  
*Atrás das Nuvens*, de Jorge Queiroga

**Qui 4 de fevereiro · Grande Auditório**  
3.º ciclo e ensino secundário

*Estória do Gato e da Lua*, de Pedro Serrazina  
*Rafa*, de João Salaviza  
*A Suspeita*, de José Miguel Ribeiro





# Sentidos da Imagem em Movimento

## no âmbito do Plano Nacional de Cinema

### CINEMA

**Destinatários:**  
grupos organizados  
(do 1.º ciclo ao ensino  
secundário)

**14h30 e 17h30**  
**Entrada gratuita**  
Reserva prévia obrigatória

**Reservas**  
21 761 90 78

Sessões de cinema, exclusivas para escolas e grupos de ATLL, no âmbito da parceria com o Plano Nacional de Cinema.

**Ter 19 de janeiro · Grande Auditório**  
3.º ciclo e ensino secundário

*Estória do Gato e da Lua*, de Pedro Serrazina  
*Rafa*, de João Salaviza

*Com Quase Nada*, de Margarida Cardoso e Carlos Barroco

**Qua 20 de janeiro · Pequeno Auditório Ensino secundário**  
*Tabu*, de Miguel Gomes

**Qui 21 de janeiro · Pequeno Auditório 1.º e 2.º ciclos**  
*Estória do Gato e da Lua*, de Pedro Serrazina  
*Atrás das Nuvens*, de Jorge Queiroga

**Qui 4 de fevereiro · Grande Auditório**  
3.º ciclo e ensino secundário  
*Estória do Gato e da Lua*, de Pedro Serrazina  
*Rafa*, de João Salaviza  
*A Suspeita*, de José Miguel Ribeiro

### CURSO

**Destinatários:**  
professores, educadores,  
profissionais e mediadores  
em museus, artistas

**Das 9h às 17h**  
**Sala 2 · 35€ por sessão**  
**Marcação prévia**  
**Mínimo: 15 participantes**  
**Máximo: 80 participantes**

Programa de formação de professores, criado no âmbito do PNC, que visa a literacia para o cinema em sala de aula.

A partir da lista de filmes do PNC e da articulação entre colaboradores do Serviço Educativo e profissionais de cinema convidados, é dado especial ênfase à cinematografia portuguesa através de um dispositivo de sessões teórico-práticas que se desdobram pelas inúmeras possibilidades que esses sentidos da imagem em movimento oferecem.

Procura-se partilhar interpretações e diferentes formas de produzir histórias dentro das sequências do cinema, bem como desencadear – junto dos participantes – outras possíveis perspetivas sobre esta forma de representação.

**Oradores convidados:**

**16 de janeiro** João Botelho, Inês Oliveira, Renata Sancho, Edgar Pêra, Irina Raimundo, Nuno Bernardo e Patrícia Freire

**27 de fevereiro** Sandro Aguilar, José Miguel Ribeiro, Luís Filipe Rocha, Graça Castanheira, Irina Raimundo, Nuno Bernardo e Patrícia Freire

Inscrições e programa  
em [www.culturgest.pt/se](http://www.culturgest.pt/se)

## Lá Fora...

### TEATRO / MÚSICA

**Destinatários:**  
para todos os públicos  
(famílias e crianças dos  
6 meses aos 3 anos)

**Sáb 23 de janeiro, 10h e 11h**  
**Dom 24 de janeiro,**  
**10h30 e 16h**  
**Palco do Pequeno Auditório**  
**Duração: 30 minutos**  
**3,50€ (preço único)**  
**Lotação: 54 lugares**

**Reservas**  
21 790 51 55

**Interpretação e criação** Crista Alfaiate e Carla Galvão  
**Música baseada em** *Forró Bé Beri Bé*, de Camarão; *Les Rois Fainéants*, de André Bourvil; *Lagoa*, de Hermeto Pascoal; *Mwana Talitambula*, *Tulô, Tulô*, cancionero da comunidade judaica do Uganda; poema sem título de Lucinda Atalaya **Espaço cénico, adereços e figurinos** Marco Fonseca **Desenho de luz** Nuno Figueira **Fotografia** Filipe Ferreira e Nuno Figueira **Produção executiva e difusão** Stage One – Produção e Agenciamento **Coprodução** Centro Cultural Vila Flor e Teatro Meridional **Apoio** João Pires (Metropolitana), Eira, Máquina Agradável, Fernando Mota, Pedro Lima, Inês Pereira e Pedro Filipe Marques

Duas mulheres guardam uma luz no sótão. Podemos ver essa luz de fora e saber que Elas estão lá dentro, a olhar cá para fora.

*Lá Fora...* nasce da vontade de subir a esse lugar, de encontrar a memória coletiva onde pais e filhos partilham um ambiente criativo.

*Lá Fora...* teve como ponto de partida alguma da dinâmica da obra de Shel Silverstein, poeta, compositor, músico, cartoonista e autor americano de livros para crianças.

A *performance* cria um espaço lúdico e sonoro que incita o público a imaginar o impossível, demonstrando assim a importância de ver o mundo de outros ângulos e o potencial que cada um tem de criar.

*Lá Fora...* é um sítio onde aprendemos e descobrimos tudo pela primeira vez, às vezes tropeçamos e caímos e encontramos a diversão de nos levantarmos e cair e levantar outra vez.



© Nuno Figueira

Espectáculo coproduzido  
no âmbito da rede 5 Sentidos

# O Medo e a Coragem

## INSTALAÇÃO / MÚSICA

**Destinatários:**  
famílias e grupos escolares  
maiores de 3 anos

**Famílias:**  
Sáb 5, dom 6 de março,  
10h30 e 16h · 3,50€  
Lotação: 30 participantes

**Escolas:**  
De ter 1 a sex 4 de março, 10h  
Qua 2 e sex 4 de março, 14h30  
e 17h30 (por agendamento)  
2,50€ · Lotação: 1 turma

**Sala 3 · Duração: 30 min.**

**Reservas**  
Famílias: 21 790 51 55  
Escolas: 21 761 90 78

**Criação** Nuno Figueira, Sara Barros Leitão, SÁ  
**Interpretação** Sara Barros Leitão, SÁ  
**Desenho de luz e vídeo** Nuno Figueira **Desenho de som** SÁ  
**Produção** Serviço Educativo da Culturgest

Fecha os olhos e vijas sem te aperceberes. Recontar as histórias que te contam é um desafio. Filhos, pais e avós vivem a mesma experiência sensorial, para recontarem uns aos outros e se recontarem a si próprios. Quando se põe a palavra de lado, entramos noutra universo. Quando largamos o óbvio, descobrimos que temos outros sentidos. Fechar os olhos e comunicar com o tato, fechar os olhos e cheirar a bolo de iogurte da tua avó.

Abres os olhos e é como se estivesses em tua casa, mas sem nada para te distrair.

Não há certo nem errado, positivo ou negativo. Não há um padrão a cumprir. O que pode estar errado está certo, se não tiveres medo. Terás coragem para enfrentar, dar a volta e ultrapassares-te a ti próprio? Fecha os olhos e vijas sem te aperceberes.



© ZANA

# Guy de Cointet – Exposição

## VISITAS

**Destinatários:**  
adultos

**Galeria 1**  
**Duração: 45 minutos**  
**Marcação prévia**  
**Ponto de encontro: bilheteira**

Para mais informações  
consulte as páginas 68 e 69.

## VISITAS JOGO

**Destinatários:**  
escolas

**Duração: 1h · 1€**  
**Lotação: 45 participantes**

## OFICINAS

**Destinatários:**  
escolas

**Duração: 2h30 · 2,50€**  
**Lotação: 20 participantes**

## Visitas gratuitas à hora de almoço

Quarta 2 de março, 12h10 · Quarta 30 de março, 13h10  
Quinta 17 de março, 13h10 · Quinta 14 de abril, 12h10

## Espionagem na galeria Pré-escolar e 1.º ciclo

**Conceção** Ana Nunes, Ana Teresa Magalhães e Leonor Cabral  
Nas paredes da galeria escondem-se mensagens, segredos que ganham forma nos desenhos, nas esculturas e nas cores! Que enigmas estão escondidos aqui dentro, consegues descobrir? Palavras-chave: Letras, Palavras, Decifrar, Desenho, Enigma, Código, Grafismo, Cores, Direções

## Códigos em construção 2.º e 3.º ciclos

**Conceção** Ana Nunes, Ana Teresa Magalhães e Leonor Cabral  
E se inventássemos outra linguagem para olhar e comunicar? Nesta visita à galeria vamos decifrar os códigos criados pelo artista Guy de Cointet, ter conversas codificadas e encontrar caminhos para construir significados, colocando o nosso corpo em ação. Palavras-chave: Código, Letras, Palavras, Decifrar, Cores, Grafismo, Performance, Corpo, Linguagem, Comunicar

## Qual é a mensagem escondida? Do pré-escolar ao 3.º ciclo

**Conceção** Ana Nunes, Ana Teresa Magalhães e Leonor Cabral  
Era uma vez uma letra, que pertencia a uma palavra, que pertencia a uma frase, que pertencia a uma mensagem. Mas qual?! Vamos procurar a chave para decifrá-la transformando o mundo das letras, dos símbolos e dos objetos numa experiência visual e corporal. Palavras-chave: Código, Letras, Palavras, Decifrar, Desenho, Enigma, Cores, Caminhos, Criptografia, Corpo, Escultura

# Perfil e motivações dos públicos seniores

## Ciclo de jornadas: Envelhecimento, espaços culturais e arte contemporânea

### CONFERÊNCIA

**Destinatários:**  
investigadores, mediadores,  
professores e todos os  
interessados

**Ter 8 de março**  
**Das 9h às 17h30**  
**Pequeno auditório**  
**10€**

**Organização** Culturgest, IGOT, Instituto de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa

Nos últimos anos a afluência aos museus portugueses mostra um duplo movimento: aumento e mutação dos seus visitantes. Pouco a pouco, a geografia e sociologia dos públicos dos museus evoluem, e a par destas os Museus tentam encontrar sinergias e estratégias de articulação a fim de dar resposta às novas solicitações. A nível europeu, uma metamorfose dos públicos, lenta mas bem real, está em curso, em particular atendendo ao envelhecimento demográfico. Esta metamorfose também é marcada por visitas em família. Que representação detêm os seniores nos nossos museus? Que perfis e tipologias diferenciadas podem ser escrutinados? Quais os seus hábitos de consumo de atividades de lazer? Como encaram a possibilidade de fruir espaços culturais na velhice? O que esperam da Cultura e da Arte nesta fase da vida? Como viajam? Qual o papel da família neste ato de partilha de experiências? Que estratégias de ação podem ser aplicadas para tornar a presença dos “mais velhos” no Museu uma experiência mais marcante, participativa, vivencial e personalizada?

As jornadas Envelhecimento, espaços culturais e arte contemporânea prolongam-se por três anos e terão como tema *Mediação e Educação: Desafios, Agentes e Processos* (em 2017) e *Acesso à Cultura e Envelhecimento Ativo: Programação e Comunicação* (em 2018).

Inscrição e programa  
em [www.culturgest.pt/se](http://www.culturgest.pt/se)

# Férias da Páscoa na Culturgest

### OFICINAS

**Destinatários:**  
dos 6 aos 8 (6 anos feitos até  
31 de dezembro) e dos 9 aos 12  
anos (9 anos feitos até 31 de  
dezembro)

**De seg 28 de março**  
**a sex 1 de abril**  
**Manhãs: das 10h às 13h**  
**Tardes: das 14h30 às 17h30**

**40€ (5 manhãs ou 5 tardes)**  
**Marcação prévia**  
**Lotação: 16 participantes**

As oficinas que ocupam o dia inteiro têm disponível um serviço de acolhimento (2€ valor diário) para as crianças que quiserem trazer almoço de casa. Lotação limitada. É necessária marcação prévia. Prolongamento de horário: Manhãs: das 9h às 10h Tardes: das 17h30 às 18h30 2€ (valor diário) Mínimo: 5 participantes.

Desconto de 30% na inscrição do segundo filho ou para filhos de colaboradores da CGD (desconto incide sobre o menor valor e não é acumulável ou aplicável ao almoço e/ou prolongamento de horário). Desconto de 50% para filhos de desempregados.

### Laboratórios de espetáculos em fase de criação

Nestas oficinas propomos às crianças que contactem com os artistas que vão conceber e apresentar um dos espetáculos para famílias da nossa programação de abril a agosto de 2016.

**De Seda** de Marina Nabais e Gonçalo Alegria

Inscrições e programa completo a partir do dia 15 de janeiro em [www.culturgest.pt/se](http://www.culturgest.pt/se)



© Aninha Elyseu

# Aulas e oficinas de arte contemporânea, à hora de almoço

## OFICINAS

**Destinatários:**  
adultos e jovens a partir dos 12 anos

12h30 · Galerias 1 e 2

**Duração:** 1h30

**3€ por sessão**

**Mínimo: 10 participantes**

**Máximo: 25 participantes**

**Reservas**

21 790 51 55

**Escrita criativa** (parceria com Nextart)

**Sextas 6, 13, 20 e 27 de abril**

**Conceção e orientação** Carlota Gonçalves

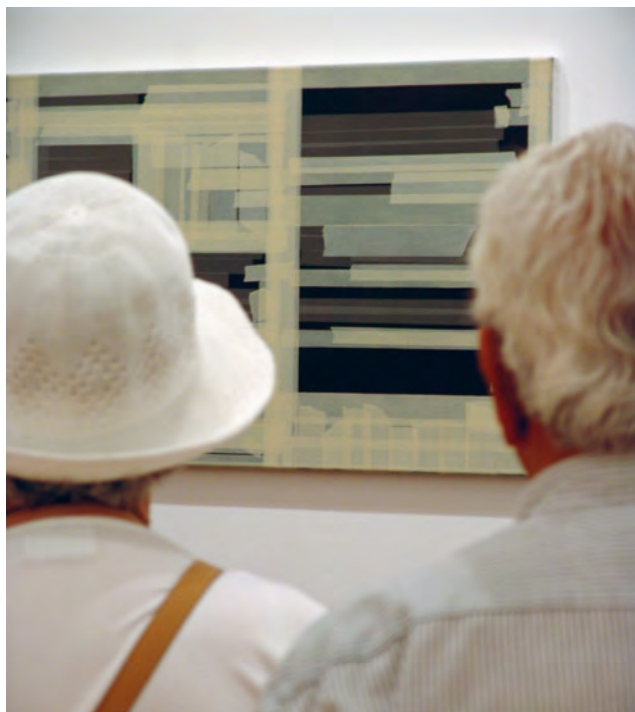
Um encontro com peças de arte torna-se o cenário privilegiado para exercícios expressivos de escrita. O participante é levado a captar ambientes, a expandir o olhar e transportá-lo para textos de variados estilos. O universo da exposição será objeto de apropriação, interpretação e reflexão, revelando motes que conduzem a possibilidades ficcionadas. Uma relação a descobrir, entre o visível e o dizível.

**Expressão visual**

**Quintas 21, 28 de abril, 5 e 12 de maio**

**Conceção e orientação** Patrícia Freire

Como pode uma exposição despertar a expressão visual do observador?



O Pintor e o seu modelo, Kees Goudzwaard em exposição na Culturgest, 2006

# Celebra o teu dia de anos com arte

## OFICINAS

**Destinatários:**  
dos 5 aos 12 anos

**Duração:** 2h30 · 170€

**Lotação:** 20 participantes

**Qualquer atividade de festa de anos inclui:**

— Oficina em sala com mesa para o lanche que os pais queiram trazer

— 1 artista orientador e 1 assistente

— Uma atividade para adultos na galeria 1h30 (marcação prévia)

**Reservas**

21 761 90 78

Sem descontos

## Oficinas práticas de expressões artísticas variadas

Num espírito lúdico e suavemente educativo, estas oficinas promovem o contacto com as artes, desenvolvem a criatividade e estimulam o pensamento divergente.

Existem várias atividades disponíveis. Solicite o programa através do e-mail culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

**Enquanto os mais novos se divertem...**

Convide os outros pais para uma atividade (gratuita) na galeria. A atividade termina um pouco antes do final da oficina das crianças.



© Mana

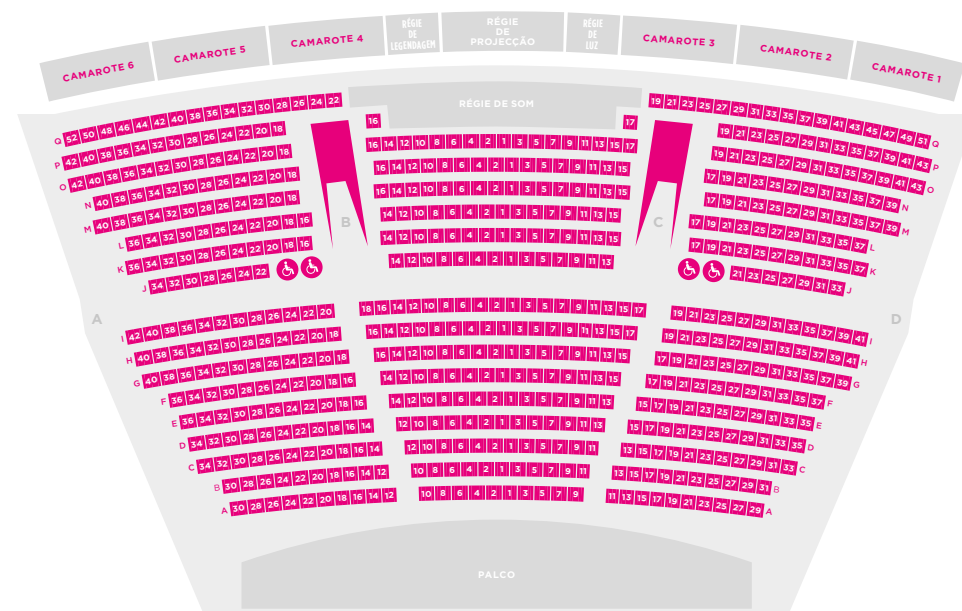


**Entre janeiro e março, os colaboradores do Serviço Educativo são:**

Ana Isabel Gonçalves (artista plástica)  
 Ana Nunes (teoria e filosofia da arte)  
 Ana Teresa Magalhães (artista plástica)  
 Bruno Marques (teoria da arte)  
 Carla Galvão (atriz)  
 Carlota Gonçalves (escrita criativa)  
 Cláudia Pereira (estagiária)  
 Crista Alfaiate (atriz)  
 Francisca Rodrigues (produção)  
 Gonçalo Alegria (músico)  
 Irina Raimundo (artista plástica)  
 Isabel Trindade (APECV)  
 Joana Barros (atriz)  
 Joana Batel (teoria da arte)  
 Joana Ratão (artista plástica)  
 João Belo (produção)  
 João de Brito (ator)  
 Leonor Cabral (atriz)  
 Luísa Fonseca (apoio à produção)  
 Mana (fotografia)  
 Marília Pasqual (mediação)  
 Marina Nabais (bailarina e coreógrafa)  
 Nádía Luís (estagiária)  
 Nuno Bernardo (realizador)  
 Nuno Figueira (iluminação e vídeo)  
 Patrícia Carvalho (apoio à produção)  
 Patrícia Freire (artista plástica)  
 Raquel Ribeiro dos Santos (coordenação)  
 Sara Barros Leitão (atriz)  
 Susana Alves (artista educadora)  
 Teresa Eça (APECV)  
 Teresa Vaz (atriz e apoio à produção)  
 Yola Pinto (bailarina e coreógrafa)

**Inscrições e informações**

Telefone: 21 761 90 78 · E-mail: [culturgest.servicoeducativo@cgd.pt](mailto:culturgest.servicoeducativo@cgd.pt)  
 Horário de atendimento telefónico: das 9h30 às 11h30 e das 16h às 17h



Grande Auditório

## Galerias

### Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira das 11h às 18h (última admissão às 17h30).  
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h (última admissão às 18h30).  
Encerram à segunda-feira.  
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

**Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.**

### Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

## Bilheteira

### Horários de funcionamento

#### Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.  
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.  
Nos períodos em que não há exposições a bilheteira está aberta todos os dias das 11h às 19h.

#### Bilheteira das galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h.  
Sábados, domingos e feriados das 11h às 19h.  
Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

#### Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

As bilheteiras, as galerias e a livraria encerram nos dias 24, 25 de dezembro, 1 de janeiro e nos dias 25 e 27 de março.

## Assinaturas

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

## Descontos

### Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).  
40% a titulares dos cartões **Caixa IU, ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).  
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.  
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

### Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold, Visabeira Exclusive, Caixa Woman, Caixa Drive e Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).  
40% a titulares dos cartões **Caixa IU, ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã e Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).  
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

**Jovens até aos 30 anos e desempregados: 5€ Preço único sem descontos.**

**Os descontos não são acumuláveis.**

## Livraria

### Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira, das 11h às 18h.  
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h.  
Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições.  
Telefone: 21 790 51 55

## Cafetaria

### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.  
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h.  
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

## Culturgest

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos  
Rua Arco do Cego n.º 50, 1000-300 Lisboa  
Telefone: 21 790 54 54

Metro: Campo Pequeno  
Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756\*  
Campo Pequeno / Av. República 727,\* 736, 738, 744, 749,\* 754,\* 783; Praça Londres 722, 767  
Av. Roma: 735, 767  
\*A carreira 756 só funciona ao sábado de manhã. Durante sábados, domingo e feriados as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona do Campo Pequeno.

## Culturgest Porto

### Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30 às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.  
Edifício Caixa Geral de Depósitos  
Avenida dos Aliados n.º 104, 4000-065 Porto  
Telefone: 22 209 81 16

## Informações e reservas

### Bilheteira Culturgest

21 790 51 55  
culturgest.bilheteira@cgd.pt

### Ticketline

Reservas e informações: 1820 (24 horas)  
Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e [www.ticketline.sapo.pt](http://www.ticketline.sapo.pt)

[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

### Acesso a pessoas de mobilidade reduzida

Áreas acessíveis a pessoas de mobilidade reduzida, por rampas ou elevadores: bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a pessoas de mobilidade reduzida sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

Lembramos que não é permitido gravar nem fotografar os espetáculos. Não se esqueça de desligar o telemóvel: a luz dos ecrãs perturba os artistas e o público.





Apoios:



Apoio na divulgação:



As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.



## Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego nº 50, Piso 1, 1000-300 Lisboa  
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · [culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

Se quiser receber a programação da Culturgest  
envie-nos um e-mail para [culturgest.newsletter@cgd.pt](mailto:culturgest.newsletter@cgd.pt)  
ou inscreva-se na nossa mailing list em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt).

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

### GALERIAS

#### Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira das 11h às 18h  
(última admissão às 17h30).  
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h  
(última admissão às 18h30).  
Encerram à segunda-feira.  
Cuias áudio disponíveis gratuitamente.

#### Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos  
Consulte o programa do Serviço Educativo.

### BILHETEIRA

#### Horários de funcionamento

**Bilheteira do átrio de entrada**  
De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.  
Em dias de espetáculo das 14h até à hora  
de início do mesmo.  
Nos períodos em que não há exposições  
a bilheteira está aberta todos os dias  
das 11h às 19h.

#### Bilheteira das galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h.  
Sábados, domingos e feriados das 11h às 19h.  
Encerra à segunda-feira e nos períodos em  
que não há exposições.

#### Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas  
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser  
levantados até 48 horas antes do espetáculo.

### CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos  
Rua Arco do Cego n.º 50, 1000-300 Lisboa  
Telefone: 21 790 54 54  
Metro: Campo Pequeno  
Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756\*  
Campo Pequeno / Av. República 727\* 736,  
738, 744, 749,\* 754,\* 783; Pç. Londres 722, 767;  
Av. Roma: 735, 767

\* A carreira 756 só funciona ao sábado de  
manhã. Durante sábados, domingo e feriados  
as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona  
do Campo Pequeno.

### CULTURGEST PORTO

#### Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30  
às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.  
Edifício Caixa Geral de Depósitos  
Avenida dos Aliados n.º 104, 4000-065 Porto  
Telefone: 22 209 81 16

### INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest  
**21 790 51 55**  
[culturgest.bilheteira@cgd.pt](mailto:culturgest.bilheteira@cgd.pt)

Ticketline Reservas e informações: 1820 (24h)  
Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria  
Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa,  
C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac,  
Megarede, Worten e [www.ticketline.sapo.pt](http://www.ticketline.sapo.pt)  
[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

# Janeiro Fevereiro Março 2016

## CALENDÁRIO



Culturgest  
uma casa do mundo